

PAULISTANA

NOVEMBRO DE 2021 | EDIÇÃO 2

RESISTÊNCIA

A ascensão de uma mulher negra no empreendedorismo

PÁG. 42

REFORMA ELEITORAL

o que de fato mudará?

PÁG. 12

D R A G Q U E E N

A arte da liberdade humana

PÁG. 19

MUITO ALÉM DAS VINÍCOLAS

Conheça São Roque em um final de semana

PÁG. 47

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS

Novo filme da Marvel deixou os espectadores sem fôlego

PÁG. 33

CENTENÁRIO DA SEMANA DA ARTE MODERNA

Saiba mais sobre o marco na História da Arte do Brasil

PÁG. 27

**"Se eu não pudesse
fazer drag, cantar ou
fazer o que eu faço, eu
me sentiria muito
triste. Eu seria um
pássaro longe do ninho.
Espero que de alguma
maneira eu também
inspire outras pessoas a
serem elas mesmas,
independente do medo
e das coisas ruins que
nos rodeiam."**

- Pabllo Vittar

O QUE VOCÊ ENTENDE COMO CULTURA?

Essa é uma questão que certamente é feita todos os anos para milhares de pessoas diferentes em contextos e momentos distintos. Você já deve tê-la ouvido e pensado imediatamente em alguma representação para ilustrar a sua ideia, talvez tenha pensado no Carnaval, em festas típicas do Brasil – ou não –, em algum quadro que você viu em uma exposição ou alguma música que você ouviu no rádio.

Também pode ter acrescentado a sua ideia os hábitos e costumes, como tomar uma xícara de café junto da sua primeira refeição do dia. São manifestações e tradições pelas quais temos apreço.

O dicionário Michaelis define cultura, do ponto de vista antropológico, como um “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social”, ele também aponta em suas definições que são conhecimentos adquiridos “como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual”. Ou seja, cultura é tudo o que fazemos, como vivemos e o que aprendemos.

Mas, se tudo o que fazemos é cultura e temos apreço por ela, porque existem tantas áreas da nossa cultura que não valorizamos, ou pior, não reconhecemos como cultura a ponto de se tornarem objetos culturais marginalizados? Essa questão se reflete em diversas manifestações culturais, como as de cunho religioso não-cristãs, o grafite e a Arte Drag, sobre a qual preparamos uma reportagem superinteressante nesta edição da Paulistana.

Além dessa matéria, nestas páginas também trouxemos pautas importantes sobre representação no cinema, na tecnologia e na política, locais em que a cultura se faz bem presente, especialmente em São Paulo, uma cidade cheia de diversidade cultural. Assim, esperamos incluir e ampliar as noções do seu conceito de cultura, caro leitor.

Boa leitura!



Vitor Cavalcante, aluno de Jornalismo da Universidade FIAM-FAAM e editor-chefe da 2ª edição de 2021 da Revista Paulistana



EXPEDIENTE

Esta produção acadêmica é o trabalho prático que integra a disciplina Práticas em Jornalismo: revista dos alunos do 6º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário FMU| FIAM-FAAM

Vice-Presidência Acadêmica e de Inovação: Aline Alves de Andrade

Vice-Presidência Acadêmica: Manuel Nabais da Furriela

Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades: Fernando Albino Leme
Coordenadora do Curso de Jornalismo e do Curso de Relações Públicas: Nicole Morihama

Orientadora: Profa. Ms. Carla de Oliveira Tôzo

Equipe:

Editor-chefe: Vitor Cavalcante

Editor de Arte: Henrique Kovalek

Editor Assistente: Rafael Alves

Redação:

Alex Maniezo

Barbara Paula

Beathriz Lima

Beatriz Quintas

Bianca Goes

Caroline Feliciano

Danielle Barros

Edivaldo Jaco de Carvalho

Gabriela Carvalho dos Reis

Gabriela Nascimento

Gabriele Caroline de Souza

Giovanna Calestini

Giuliana Maciel Araujo

Henrique Kovalek

Ingrid Ramos

Jessica Mendes

João Marcos do Prado Oliveira

Keyla Botelho

Laura Luz dos Santos

Letícia Souza dos Santos

María Santos

Mariana Santos

Pedro Marques

Rosilene Almeida de Souza

Vitor Cavalcante

Vitor Xavier

SUMÁRIO

5 Educação
O CONSTRUTOR DE UTOPIAS

Política **12**
REFORMA ELEITORAL: O QUE
DE FATO MUDA

16 Saúde e Bem-Estar
DOAÇÃO DE CABELO FAZ
BEM À SAÚDE

Drag Queen **19**
A ARTE DA LIBERDADE
HUMANA

27 Cultura e
Entretenimento
100 ANOS DA SEMANA DE
ARTE MODERNA


Comportamento **36**
OS JOVENS ECONOMIZAM?

38 Moda e Estilo
A MODA COMO VÁLVULA
DE ESCAPE

Ciência e **42**
Tecnologia
RESISTÊNCIA NO
EMPREENDEDORISMO
DIGITAL

45 Gastronomia
A FAMOSA COMIDA DE VÓ

Turismo **47**
GUIA DE SÃO ROQUE

A close-up portrait of Paulo Freire, an elderly man with a long, white beard and glasses, looking slightly to the right. He is wearing a red shirt. The background is a blurred bookshelf filled with books.

O CONSTRUTOR DE UTOPIAS

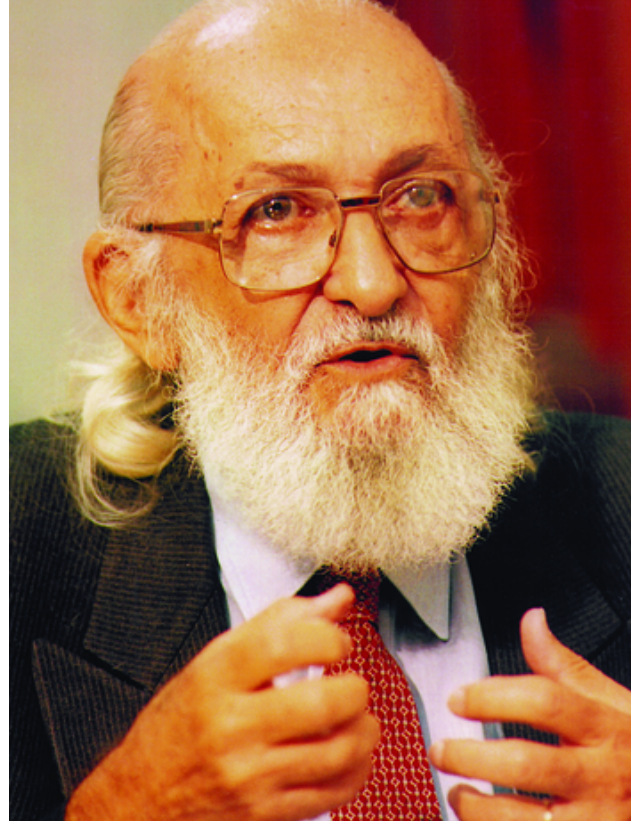
Idolatrado por uns, atacado por outros; Paulo Freire deu à educação brasileira esperança por dias melhores

Por Beatriz Quintas, Maria Santos e Vitor Xavier

Costuma-se ouvir que a grandeza do homem faz morada em seus próprios atos. Dono de uma humildade inigualável, Paulo Freire talvez nunca tenha se dado conta do quanto era definido por esta máxima da sabedoria popular. Pernambucano de classe média, ele presenciou o pior lado de uma crise financeira ainda na infância: a fome. A partir de então, seu senso de justiça e igualdade o guiaria à educação, ferramenta que descobriu ser a mais poderosa para alimentar seus anseios.

Reconhecido internacionalmente por sua metodologia de ensino - que prioriza as vivências dos alunos, tomando-as como base para o aprendizado em sala de aula -, o pedagogo chegaria ao seu centenário numa espécie de "dejavú", caso um infarto não tivesse interrompido sua trajetória aos 76 anos.

Subversivo, militante, comunista... são diversas as acusações. O legado do eterno professor, no entanto, permanece vivo e desperta a admiração de conhecidos e anônimos. Quem conviveu com ele não tem dúvidas: Paulo era um defensor do diálogo, jamais se importaria com o teor dos comentários sobre si. Mais provável era que questionasse o porquê.

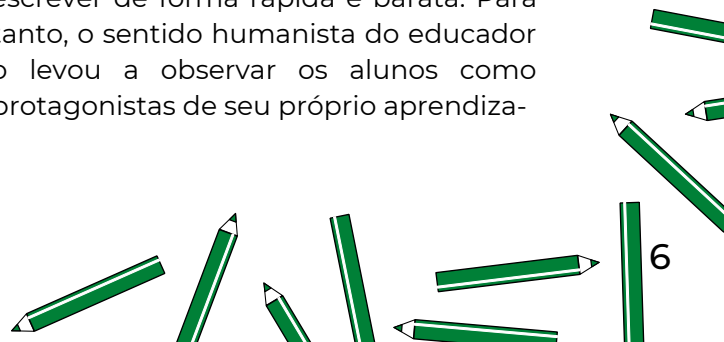


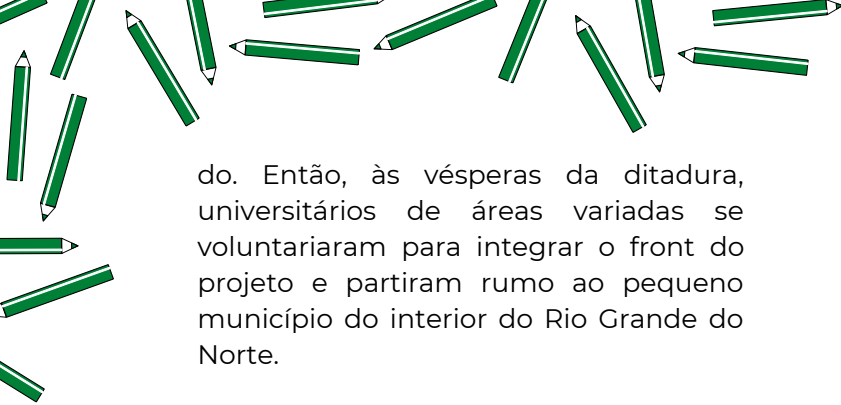
ANGICOS, O PALCO DA "REVOLUÇÃO"

Sempre acompanhado de um bigode farto e um olhar acolhedor, intermediado pela armação quadrada de seus óculos de grau, Freire começou a lecionar na década de 40 a convite do diretor do colégio onde estudou durante a adolescência. Logo, vieram oportunidades de atuação na consagrada Escola de Belas Artes e no Serviço Social da Indústria (SESI).

Aos 25 anos, assumiu o primeiro cargo público, como diretor do Departamento Estadual de Educação e Cultura do Serviço Social, onde tomou conhecimento sobre os baixos índices de alfabetização no nordeste. O resultado não poderia ser diferente. Teve início o desenvolvimento da filosofia pedagógica que culminaria num dos experimentos de maior repercussão do Brasil: as 40 horas de Angicos.

Inédita até o momento, a façanha tinha como objetivo capacitar adultos a ler e escrever de forma rápida e barata. Para tanto, o sentido humanista do educador o levou a observar os alunos como protagonistas de seu próprio aprendiza-





do. Então, às vésperas da ditadura, universitários de áreas variadas se voluntariaram para integrar o front do projeto e partiram rumo ao pequeno município do interior do Rio Grande do Norte.

“Antes de assustar os militares, assustamos os detentores do poder político civil. Imagine! Haviam 700 eleitores em Angicos, e quando foram inscrever seus títulos, se formaram outros 300 que deixaram de ser analfabetos”, descreveu Marcos Guerra, um dos monitores da experiência, ao especial da TV Cultura sobre o centenário de seu idealizador.

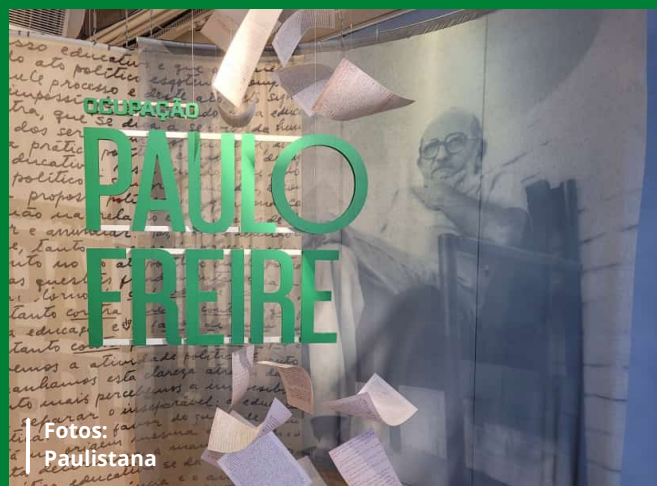
O EXÍLIO DO TRAIADOR

Com a instauração do regime autoritário no Brasil em 1964, a ideologia de Paulo Freire passou a ser motivo de perseguições. Em meio a depoimentos e interrogatórios, o pedagogo foi preso por mais de 70 dias durante a organização da Campanha Nacional de Alfabetização pelo governo João Goulart, sob acusação de traição.

“Não se tratava apenas de educação para o exército e, sim, de um movimento progressista. Afinal, a campanha não se restringia a ensinar a língua, abrangendo também a formação de cidadãos críticos e capazes de exercer seu papel democrático ativamente. É claro que isto não interessava a eles”, explica o membro da equipe responsável pela **Ocupação Paulo Freire no Itaú Cultural**, Vítor Luz.

Mesmo depois de solto a sua liberdade foi tirada, pois ele se via obrigado a comparecer frequentemente às instalações militares para registrar suas últimas atividades. Após recomendações de amigos, mudou-se para Bolívia e Chile, sendo um dos primeiros brasileiros a ser exilado neste período.

VALE A PENA CONFERIR



Promovida pelo Itaú Cultural, a “Ocupação Paulo Freire” é a 53ª edição de um projeto que acontece desde 2009 na instituição. A homenagem ao filósofo, educador e escritor vem sendo planejada há mais de dois anos, porém com a pandemia a exposição foi adiada até 2021, coincidindo com seu aniversário de 100 anos.

O livro mais conhecido de Freire abre caminho para a mostra que se estende por mais de 170 metros e se divide em quatro eixos. São mais de 140 peças e 60 fotografias, sem contar um mapa interativo que mostra os países onde conseguiu chegar.



A exposição segue aberta ao público até 5 de dezembro, com entrada gratuita de terça a domingo, das 11h às 19h. Além da exposição presencial, existem atividades on-line e encontros semanais com pessoas que conviveram com ele.

Nos 15 anos que esteve distante escreveu seu principal livro, chamado “Pedagogia do Oprimido”, e difundiu ideais de um novo relacionamento entre professor, estudante e sociedade. O trabalho apresentado lhe rendeu grande renome internacional, com visitas a diversos países como Estados Unidos, Suíça, Austrália, Índia e outros

VOLTA AO LAR

Em junho de 1980 Freire volta ao Brasil e nas palavras do próprio professor, em entrevista à Folha de São Paulo diz: “fui considerado um inimigo de Deus e da pátria, um bandido terrível. Pois bem, hoje eu já não seria mais considerado inimigo de Deus. Hoje diriam apenas que sou um saudosista das esquerdas. O discurso da classe dominante muda, mas ela continua não concordando, de jeito nenhum, que as massas populares se tornem lúcidas.”

Convidado a lecionar em grandes universidades paulistas, passou a residir em São Paulo, onde coordenou pesquisas, prestou assessoria e participou da formação de professores voltada a práticas de educação popular.

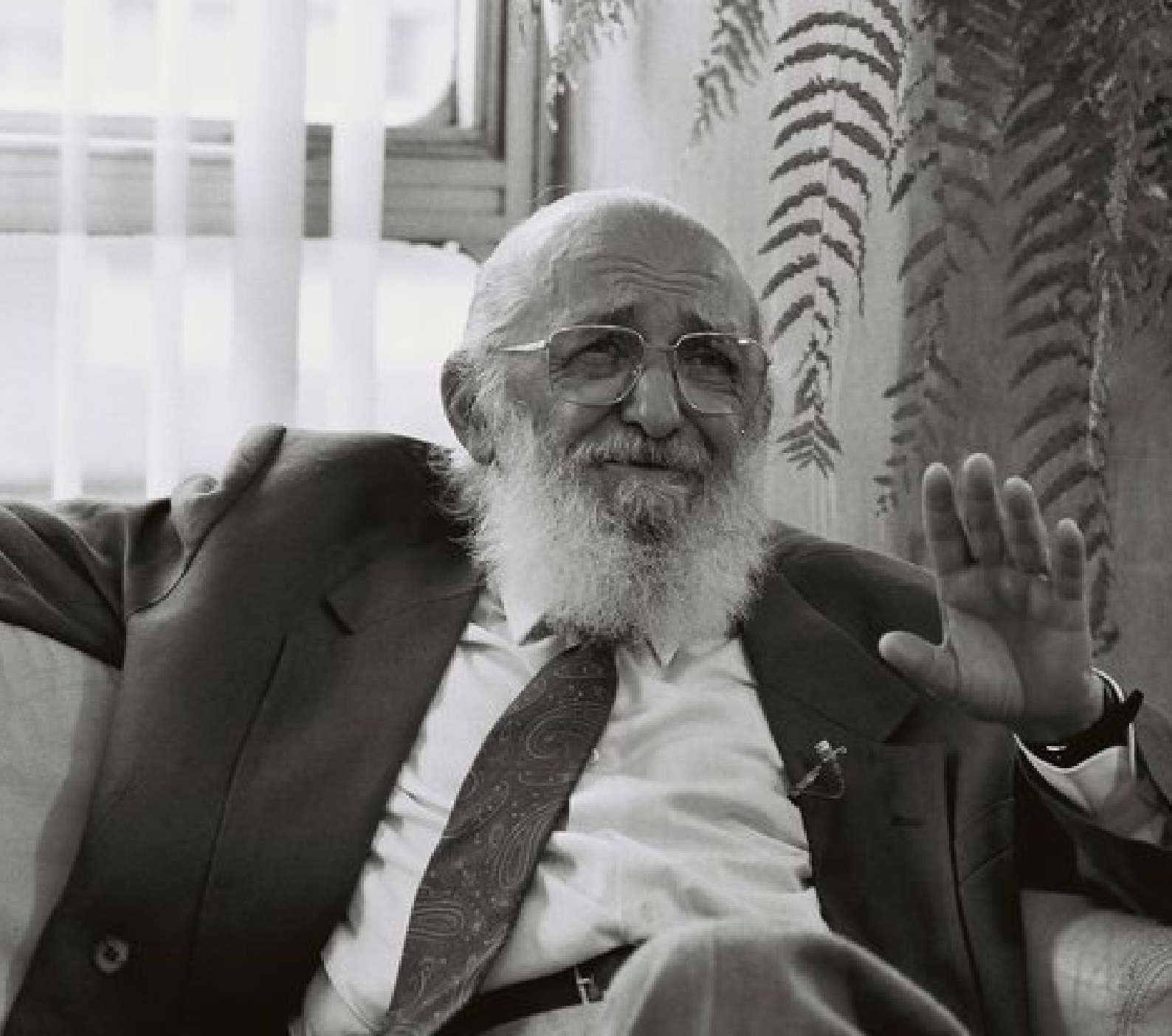


Com isso, se envolveu cada vez mais nos movimentos em prol a educadores, valorizando e desenvolvendo trabalhos de aprendizado.

“Sua forma de falar e trabalhar em sala de aula era riquíssima. Toda atenção era dele, nem olhávamos para o lado, afinal ele era como uma majestade para nós. Apesar disto, era um homem simples. Chegava e cumprimentava cada docente, falava baixinho, não gritava, tínhamos que abaixar a voz para ouvi-lo”, lembra a professora Maria Lucia Silva que foi uma das suas alunas.

Observando movimentos cristãos e proletários na criação do Partido dos Trabalhadores (PT), Freire se convenceu que deveria filiar-se ao partido e, em 1989, se tornou Secretário de Educação. À frente da pasta, criou Conselhos de Escolas, aumentou o salário de professores, consolidou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos e foi o principal incentivador da valorização de funcionários como merendeiras e faxineiras. Após dois anos, com duras críticas à democratização dos conteúdos e a proposta de uso da investigação temática como método, renunciou ao cargo.





Até sua morte em 1997, se dedicou inteiramente à escrita de livros, trabalhos educativos em universidades e principalmente na organização do Instituto Paulo Freire, que até os dias de hoje segue dando continuidade ao seu legado. Apesar de póstumo, o título não poderia ser outro para aquele que semeou a esperança no futuro como ninguém: o imortal patrono da educação brasileira.

SAIBA MAIS:

A biografia “1921 – Paulo Freire – 2021: 100 anos de ética, liberdade e educação” foi escrita por Valdir Borges e Peri Mesquita, os dois autores de outras grandes obras. O livro custa em média R\$ 55,00 (cinquenta e cinco reais) e pode ser encontrado para venda em diversos sites, como Amazon, Estante Virtual, Livraria da Travessa, Submarino e Americanas. A biografia, que vem em forma de homenagem ao centenário do nascimento de Paulo, passa pela sua vida e explora pontos do mesmo como pedagogo, defensor da liberdade e humanista



PERCA O MEDO DE INVESTIR



Hoje em dia a moda é falar sobre investimentos. Investir, longos prazos, retornos, etc. Mas as pessoas esquecem que antes de investir é preciso aprender a poupar. Parece algo tão fácil poupar, mas de fato, poupar requer disciplina do investidor. O mais importante no mundo dos investimentos é o tempo. O tempo é o que faz o retorno aumentar. É uma progressão geométrica ao longo dos anos.

O endividamento da população brasileira é um reflexo de vários anos de estagnação econômica. Nos últimos 10 anos, por exemplo, o Brasil sofreu com duas crises relevantes e ainda não conseguiu se recuperar. Inflação, alto nível de desemprego, taxas de juros abusivas e estagnação da renda real são os principais fatores que dificultam a quitação dessas dívidas.

Por isso, a educação financeira nas escolas é tão importante quanto ciências, português e matemática porque todas as crianças quando chegarem à fase adulta precisarão saber como administrar sua renda, suas despesas e eventualmente sua poupança.

A diferença entre o percentual de investidores em bolsa de valores entre os Estados Unidos e o Brasil é realmente impressionante (65% para 3%). Hoje temos em torno de 3 milhões de investidores no Brasil, o mesmo número de investidores americanos na década de 20, um atraso de 100 anos e isso acontece por uma série de fatores. Posso citar o longo histórico de juros baixos e de inflação controlada nos Estados Unidos, ambos facilitando e incentivando a entrada de investidores na renda variável. Outro fator relevante

são os planos de aposentadoria e previdência que deixam à cargo do investidor onde investir, tendo a liberdade para escolher os investimentos que são mais condizentes com as suas necessidades.

A cultura de investir ainda é embrionária no Brasil, fruto do nosso longo histórico inflacionário que assustou a população no passado. Décadas atrás o melhor investimento para proteção contra a inflação era a poupança e o "overnight", mas isso mudou com a criação do Plano Real. A nova moeda foi estipulada há mais de 20 anos, mas o brasileiro ainda vive com as mesmas fobias e, portanto, não busca mais formas de rentabilizar seu capital e atingir um conforto financeiro.

No Brasil as pessoas são altamente dependentes da previdência pública, acreditando que de fato o governo brasileiro conseguirá pagar o benefício a todos quando chegar a hora de se aposentar. O problema é que depender do governo é algo muito arriscado, visto que a previdência é um dos seus maiores gastos. Caso o governo não tenha receita financeira suficiente, quem perde é a população que depende apenas desse benefício. Aqueles que possuem educação financeira básica e entendem a situação fiscal do Brasil sabem que é preciso ter um plano B e iniciar a poupar e investir o mais cedo possível.

Vai demorar muito tempo para a educação financeira vir desde cedo. Sem a ajuda do governo, a única forma das crianças e adolescentes aprenderem sobre administração de recursos será por influência de pais, amigos ou familiares. A ajuda governamental seria chave para acelerar o processo de





aprendizado no Brasil.

O MEC lançou um programa de educação financeira nas escolas para incentivar os brasileiros a investir. É difícil dizer se isso é o suficiente, mas o mais importante é começar a implementar esse plano o mais rápido possível. Demorará muitos anos para o Brasil aceitar a cultura dos investimentos e corremos o risco do programa ser descontinuado com o tempo, portanto, agir com rapidez é necessário.

As mídias sociais têm a capacidade de disseminar qualquer tipo de conteúdo para uma quantidade imensa de espectadores, são as rádios e televisões do futuro. Contudo, nem sempre o conteúdo de finanças que é publicado é sério ou verídico, gerando um desserviço à sociedade. O melhor é acompanhar pessoas ou empresas com certificações, credenciadas e com experiência suficiente sobre o assunto.

O mundo dos investimentos dá medo, primeiro porque é complexo e segundo porque colocamos o nosso dinheiro suado em risco. Contudo, quanto mais nos empenhamos para aprender e descobrir sobre finanças e investimentos, maior a segurança em investir. O maior investidor de todos os tempos, Warren Buffett, uma vez disse “Risco é você não saber o que está fazendo”, o que é verdade, porque investir sem conhecimento não é possível ter bons retornos por muito tempo. Portanto, o primeiro passo é estudar e aprender, e isso levará vários anos. Porém, todo esse esforço será colhido no futuro em forma de um patrimônio que se multiplicará ao longo do tempo.



Igor Mundstock é economista macro há três anos e investidor há oito. Como economista ou até como um investidor macro, ele acompanha o que acontece no mundo inteiro.

5 COISAS QUE OS JOVENS GOSTARIAM DE SABER SOBRE DINHEIRO AOS 18 ANOS

TEMOS MAIS TEMPO DO QUE IMAGINAMOS

NUNCA É CEDO DE MAIS PARA CUIDAR DO DINHEIRO

PLANEJAMENTO FINANCEIRO É UM BENEFÍCIO

DINHEIRO É IMPORTANTE, MAS É APENAS UMA FERRAMENTA

DESEJOS DE CONSUMO SEMPRE EXISTIRÃO E CUSTARÃO CADA VEZ MAIS





REFORMA ELEITORAL O QUE DE FATO MUDARÁ?

Por Henrique Kovalek e Laura Luz

A necessidade de uma reforma no sistema eleitoral tem sido discutida há anos pela sociedade civil. Em anos pré-eleitorais majoritários, esse debate é reaquecido e em 2021 não foi diferente.

Discutida este ano no Congresso Nacional, a chamada PEC 125, apresentada pelo Deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP), inicialmente propunha a proibição das eleições em dias próximos a feriados com a finalidade de evitar abstenção de votos em período eleitoral por conta dos feriados.

Posteriormente, deputados e senadores apresentaram um conjunto de emendas para fazerem parte da PEC. Sendo assim, ela foi adaptada e contemplou outras questões como: cotas raciais e de gênero, financiamento de campanhas e sistema de votação.

Em 28 de setembro de 2021, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal promulgaram a PEC 125 e ela foi transformada na Emenda Constitucional 111, instituindo a reforma eleitoral que deve ser aplicada ainda nas eleições de 2021.

Para Flávio Aurélio, advogado e assessor chefe da assessoria de articulação parlamentar da presidência do Tribunal Superior Eleitoral, a Reforma Eleitoral apenas pontuou algumas mudanças para as Eleições de 2022. *“Não temos que falar em uma reforma muito grande, não houve uma reforma para a próxima eleição. O que houve foram algumas leis que alteraram alguns pontos.”*

De forma geral, alterou a Constituição Federal para disciplinar a realização de consultas populares concomitantes às eleições municipais, dispôs sobre o instituto da fidelidade partidária, alterou a data de posse de Governadores e do Presidente da República e estabeleceu regras transitórias para distribuição entre os partidos políticos dos recursos do fundo partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC)

Foto: Cleia Viana/Câmara dos Deputados/Roberto Jayme/Ascom/TSE/Flávio Aurélio: Arquivo Pessoal



Para Flávio, as mudanças no código eleitoral, que eram tão esperadas, pararam no TSE. *“O Brasil sempre tem falado em reforma eleitoral e vinha para ter em 2022 uma reforma muito grande, que é o novo código eleitoral. O novo código eleitoral iria trazer mudanças processuais, mudar a forma de prestação de contas.”*

Contudo, outras leis aprovadas neste mesmo período podem contribuir para essa mudança nas Eleições de 2022. Entre elas:

COMBATE À VIOLÊNCIA POLÍTICA CONTRA A MULHER (LEI 14.192/2021)

Esta lei estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, assegurando a participação segura e efetiva das mulheres no cenário político. A lei considera toda ação de divulgação ou campanha ofensiva baseada no gênero, em razão do sexo, raça ou etnia, como intolerável e criminosa.

FEDERAÇÃO PARTIDÁRIA (LEI 14.208/2021)

Diferente das antigas “coligações”, as federações têm caráter permanente. São formadas por partidos que têm afinidade ideológica e duram pelo menos quatro anos do mandato.

O mecanismo permite que os partidos se unam na disputa eleitoral, de forma similar como ocorria com as coligações partidárias, somando tempo de TV e se unindo na hora do cálculo do quociente eleitoral.

Esse esquema deve prenunciar o futuro do sistema político brasileiro e reduzir, pouco a pouco, o número de partidos políticos, unindo legendas e concentrando recursos.

Embora se fale em Reforma Eleitoral, Flávio reforça que o termo é usado de forma errônea e que para existir uma mudança desse nível, a sociedade precisaria discutir uma reforma política. *“Não tivemos uma reforma, mas temos discussões quanto a reforma política. Para termos uma mudança precisamos ter uma Reforma Política, no sistema de governo.”*

ENTENDA AS PRINCIPAIS MUDANÇAS:

Votos em dobro para negros e mulheres - Embora o termo gere confusão de interpretação, os votos em dobro servem apenas para fins de distribuição entre os partidos políticos dos recursos do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC). Assim, os votos possibilitarão um aumento de recursos mensais ao partido. Ou seja, esses votos não serão contabilizados a mais nas urnas, mas financiarão um incentivo a candidaturas de minorias.

Fidelidade Partidária - O conceito da fidelidade partidária – alterado com a Reforma – era outro em 2017. Era obrigação do parlamentar continuar filiado ao partido que o elegeu, pelo menos até o fim do mandato. O político que deixasse o partido sem justa causa poderia perder automaticamente o cargo. Uma das inovações desta Reforma se deu à possibilidade de deputados federais, estaduais, distritais e os vereadores de desligamento do partido sem a perda do mandato por infidelidade partidária, caso a legenda concorde com a saída.

Nova data para as posses do presidente e de governadores - As posses do presidente da República e dos governadores dos estados e do Distrito Federal não acontecerão mais no dia 1º de janeiro. Para o presidente e vice a nova data passa a ser 5 de janeiro e para governadores e vices, 6 de janeiro.

Consultas populares - A PEC definiu regras também para a realização de consultas populares sobre questões locais, que devem ser feitas junto com as eleições municipais. Essas consultas deverão ser aprovadas pelas câmaras municipais e encaminhadas à Justiça Eleitoral em até 90 dias antes das eleições.





PARA TODAS AS IDADES

De que maneira a idade pode (ou não) afetar a vida política no Brasil

Por Alex Maniezo e João Marcos



Na breve história da democracia brasileira é possível identificar um estado de ebulição constante. Enquanto velhas cabeças parecem ser o rosto da tomada de decisão, outras peças mais jovens começam a despontar e atuar, de qualquer forma possível, visando as mudanças que estes enxergam serem necessárias na vida do brasileiro.

Para alguns, a idade é só um número, enquanto outros olham para os algarismos e vêem neles um significado maior, uma espécie de ressurgimento de uma juventude potente, uma escapatória de um cenário político sem esperança ou uma nova forma de governar.

Com isso vem as preocupações, o peso da responsabilidade e cabe o questionamento sobre como uma geração mais jovem abarca esta carga.

A seguir, três pessoas relacionadas à política falam à Paulistana sobre o tema.



Foto:
Reprodução/Instagram

“Eu tenho 40 anos e a certeza de que participação política não tem muita relação com a idade. Eu busco estimular que gente de boa índole e que entenda os problemas e as soluções da nossa cidade e país participe mais da política. As ferramentas de mídia social também compõem papel importantíssimo, uma vez que é o principal veículo entre o mandato e a população. Recebemos demandas, damos respostas, mostramos nossas ações e posicionamentos. Todos os dias tentamos resolver problemas pontuais e ao mesmo tempo trabalhamos em leis, programas, planos e projetos importantíssimos e de longo prazo. É uma grande responsabilidade e com isso vem muita ansiedade.”

Vereador Daniel Marques, 40 anos, mestre em gestão ambiental. Eleito em 2020 pelo Democratas (DEM), Niterói-Rj



“Eu enxergo a participação de pessoas da nossa idade – pessoas jovens – de uma importância muito grande, pois são essas que poderão acabar com a política tendenciosa e com a política de vício, assim criando uma nova maneira de fazer política, beneficiando milhares de pessoas. A ansiedade que eu tenho é ver uma cidade melhor e uma política que atue positivamente na vida da população, sendo mais focada nas políticas públicas, pois infelizmente, o Brasil é um país que precisa de investimento básico. Também sonho ver uma sociedade em que todos tenham vez sem discriminação.”



Foto:
Reprodução/Instagram

Vereador Jorginho Mota, 40 anos e primeiro parlamentar autista do Brasil. Eleito em 2020 pelo Partido Trabalhista Cristão, atual AGIR, Guarulhos-SP



Foto:
Reprodução/Instagram

“A participação política da juventude me parece estar numa fase de crescimento. Eu vejo a juventude de alguns partidos crescendo em números, o que é ótimo, apesar de não ser nada romantizado como se fazem pensar alguns ditados por aí. Os jovens não são tão mais aguerridos ou determinados do que os mais experientes, ao menos na minha visão. As redes sociais já se demonstraram ser importantes diversas vezes, durante a eleição passada, processos de ruptura no Egito na década passada, sua força não deve ser ignorada, entretanto, questionada quanto ao oligopólios de comunicação que é feito pelos conglomerados, como Facebook e Twitter, que ao meu ver, detém poder demais. O trabalho político, como qualquer outro, pode ser muito extenuante, à medida que as vezes você faz projetos ao azar e pode tanto fazer um evento que dê super certo, e atraia a população com a qual você quer conversar e organizar, ou pode ser um fracasso. É como caminhar uma trilha numa mata fechada, você nunca sabe o que encontrará à frente.”

Matheus Oliveira de Jesus , 23 anos, estudante de Medicina. Filiado ao partido PCB e membro do DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina), Mauá, SP.

DOAÇÃO DE CABELO FAZ BEM À SAÚDE

Foto:
Reprodução/Pexels

Doar é um ato de solidariedade que pode ajudar pessoas em diversas situações. Mas o ato também pode fazer bem à saúde mental, tanto para quem doa como para quem recebe. E a ciência pode provar

Por Bianca Goes, Danielle Barros, Leticia Souza, Pedro Marques

Um simples gesto solidário pode mudar nosso comportamento e até mexer com nossos hormônios? Segundo a ciência, os impactos positivos de se doar algo pode interferir não só nas emoções do doador como também nas do donatário-aquele que recebe. A doação de cabelo, por exemplo, pode ressignificar o conceito de empatia e solidariedade.

Pessoas em tratamento de alguma doença que leve a perda de cabelo podem passar por problemas de baixa autoestima. Além das medicações, ter que lidar com a ausência de uma parte do corpo que fica exposta tende a mexer com os sentimentos e com a forma de lidar negativamente com todos os outros pontos ligados à situação.

Em momentos difíceis, o apoio de familiares e amigos é considerado um alento para essas pessoas. Porém, quan-

do o esforço vem de um desconhecido, é possível que gere sinais de esperança ao paciente.

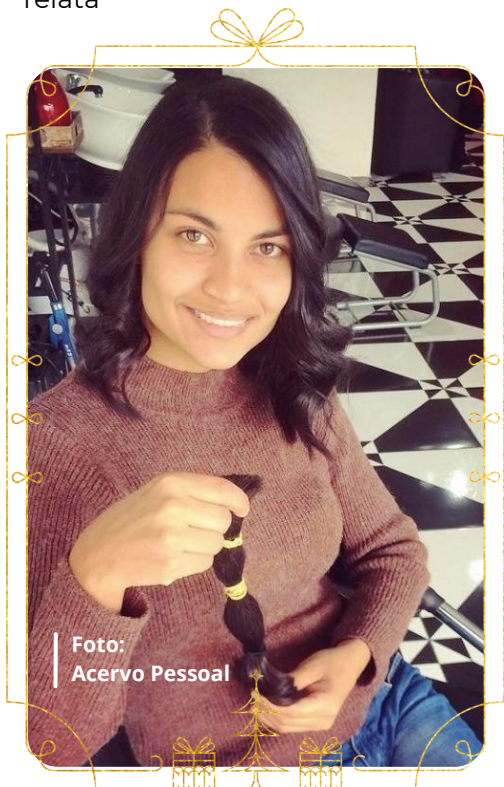
No caso de mulheres com câncer, que tiveram que renunciar a seus cabelos por consequência de medicações fortes em seus tratamentos, ter uma peruca que a faça se reconhecer pode ser positivamente fundamental no processo de cura.

DOAR FAZ BEM À SAÚDE MENTAL

O ditado tão conhecido que diz “fazer o bem sem olhar a quem” faz todo sentido em relação à doação de cabelo. Ceder uma parte física sua para outra pessoa é uma ação que gera satisfação e felicidade e pode fazer uma grande diferença na vida de alguém que está passando por um tratamento delicado.

A perspectiva após o ato de doação pode mudar, pois, algumas pessoas têm a autoestima relacionada ao externo, ou seja, o cabelo, é um cuidado que as pessoas gostam de ter em sua rotina e o fato de no decorrer do tratamento ainda existir a possibilidade de cuidados causa um efeito positivo e de esperança na recuperação.

Caroline Nunes, consultora comercial, doou o cabelo pela primeira vez em 2017. Desde então, já realizou o procedimento três vezes. “Me senti muito contente de poder estar ajudando com algo tão importante. Senti muita alegria, felicidade e um sentimento que eu não sei explicar. A doação de cabelo é bem delicada, o sentimento é mais aguçado.”, relata



Segundo o psicólogo Ricardo Alexandre Aguilera, “quando alguém se importa com a outra ela vai ao encontro com a principal necessidade do ser humano, a de fazer diferença e sentir-se importante”. A doença gera uma fragilidade emocional, então, o ato de doação torna-se ainda mais empático por dar um apoio às mulheres que estão passando pelo tratamento.

Beatriz Claro, 23, estudante de administração, teve a iniciativa de doar suas mechas para uma menina que estava em tratamento de câncer no mesmo hospital em que sua filha estava internada. “Falei que iria doar meu cabelo para a filha dela. A emoção ao ouvir minhas palavras foi de arrepiar e tive a certeza de que era a coisa certa a se fazer”, conta.

Ela relata como foi a experiência: “São muitas sensações que senti. O legal é que você reflete sobre ajudar alguém e acaba descobrindo muito sobre você. Confesso que no começo senti medo, nunca tinha me visto de cabelo curto, mas depois vem a sensação de dever cumprido, orgulho e muita emoção. Pensar que você fará a vida de alguém melhor e mais feliz, já vale a pena.”

É importante ressaltar que nem todas as pessoas têm as mesmas perspectivas em relação a sua autoestima, por mais que para uma pessoa seja de extrema importância e representatividade o ato de receber o cabelo doado, para outro pode ser algo tranquilo aderir o cabelo raspado. “Uma pessoa que passa por essa fase pode ressignificar a questão da aparência e ser muito menos afetada com a perda dos fios e o impacto diante disso pode ser bem menor ou, talvez, nulo”, explica Ricardo.

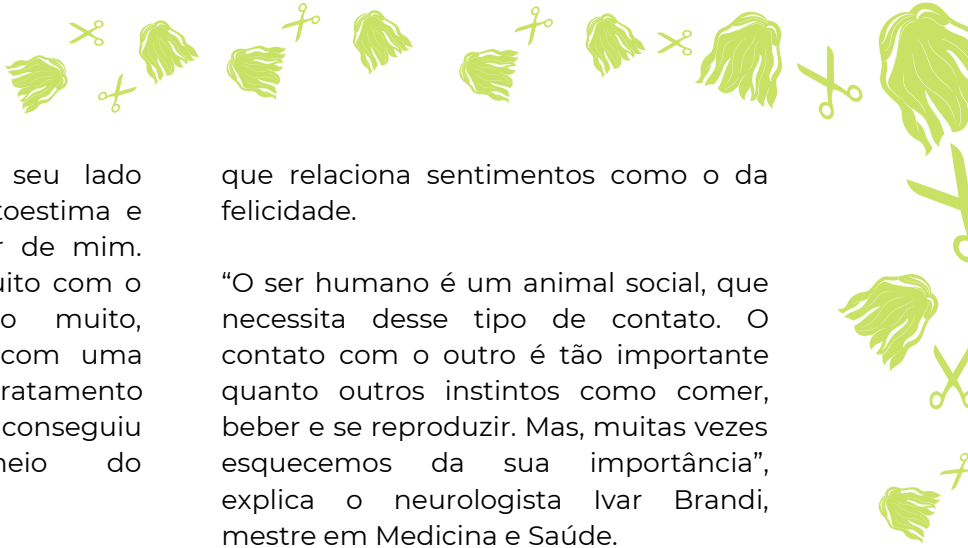
Para Thais Monteiro, professora, que enfrentou um câncer aos 37 anos, não foi fácil saber que poderia perder uma parte do cabelo. “Não vou dizer que foi a primeira coisa que pensei quando descobri o câncer, mas em pouco tempo, antes do tratamento, já era uma grande inquietação. Mas logo minha ficha caiu novamente e achei que aquele deveria ser o menor dos meus problemas.”, diz.

Ainda assim, a professora que estava se preparando para se especializar mais na



A emoção ao ouvir minhas palavras foi de arrepiar, e tive a certeza de que era a coisa certa a se fazer.”





profissão, não quis perder seu lado vaidoso. “Quis retomar a autoestima e voltar a ter gosto de cuidar de mim. Como já estava gastando muito com o tratamento e não ganho muito, conversei sobre o assunto com uma outra mulher que fazia tratamento comigo”. Foi assim que ela conseguiu uma peruca, por meio do cadastramento em uma ONG.

Para ela, todo o trabalho da ONG e a solidariedade de quem fez a doação, geraram sentimentos novos. “Me dá a esperança de que as pessoas ainda podem se preocupar umas com as outras, mesmo que não as conheçam. De que todo mundo pode ser mais solidário e dividir com o próximo.”

O QUE DIZ A CIÊNCIA

Doar é dar esperança e perspectiva a quem precisa. Por isso, a ciência produziu várias pesquisas para entender a associação de atitudes marcadas pela compaixão, altruísmo e empatia com o bem-estar.

A revista científica Nature Communications divulgou, em julho de 2017, um estudo feito por um laboratório de Zurique que comprova a existência de uma área do cérebro ligada à generosidade capaz de desencadear uma resposta em outra área da cabeça

que relaciona sentimentos como o da felicidade.

“O ser humano é um animal social, que necessita desse tipo de contato. O contato com o outro é tão importante quanto outros instintos como comer, beber e se reproduzir. Mas, muitas vezes esquecemos da sua importância”, explica o neurologista Ivar Brandi, mestre em Medicina e Saúde.

De acordo com Brandi, estudos realizados com ressonância magnética funcional confirmam, que de fato, empatia, compaixão e altruísmo podem ativar áreas cerebrais associadas à percepção de bem-estar e levam a liberação de diversos neurotransmissores, como adrenalina, dopamina, ocitocina e outros.

Em cima desse contexto, a neurociência estudou um grupo de pessoas chamadas de “altruístas extraordinários”. Na maioria das vezes, esses seres humanos são os doadores de órgãos para desconhecidos - como um rim, por exemplo - e apresentam maior ativação das redes neurais relacionadas ao prazer. Dessa forma, se doa, mas ao mesmo tempo, se ganha em felicidade.

“Quanto maior o altruísmo, maior a ativação das redes neurais do bem-estar”, conclui o neurologista.

COMO DOAR

É possível encontrar inúmeras ONGs no país que intermediam a doação de cabelo. Para quem quer mudar o visual e ainda fazer o gesto da doação, o processo é bem simples, basta entrar em contato com a instituição para saber os pré-requisitos.

É importante a busca por instituições sérias e que já tenham alguma indicação. No caso de Caroline, a escolha do lugar para a doação foi decidida por conhecer alguém de confiança dela. “Tenho uma ex-educadora que é uma das responsáveis por uma ONG. Ela também fez tratamentos contra o câncer e hoje é uma das responsáveis pelo lugar.”

Beatriz também fez pesquisas para fazer a doação. “Depois da minha decisão, fui pesquisar lugares para cortar o cabelo para doação, encontrei a Cabelegria pelo Instagram, entrei em contato, comentei que queria doar meu cabelo para uma pessoa específica, eles super apoiaram, me passaram as informações do carro móvel com as datas”.

Algumas organizações como Cabelegria, Amor em mechas, Rapunzel Solidária e Banco de Perucas Laço Rosa, Cabelo, Fio de Luz, Cabelo Amigo, já fazem a mediação entre as pessoas que precisam de perucas e as que estão dispostas a doar seus fios.

A ciência não deixa dúvidas: participar desse processo traz benefícios à saúde de todos os envolvidos na doação de cabelo.

Foto: Arquivo
pessoal, Tia Franny

Drag Queen

A ARTE DA LIBERDADE HUMANA

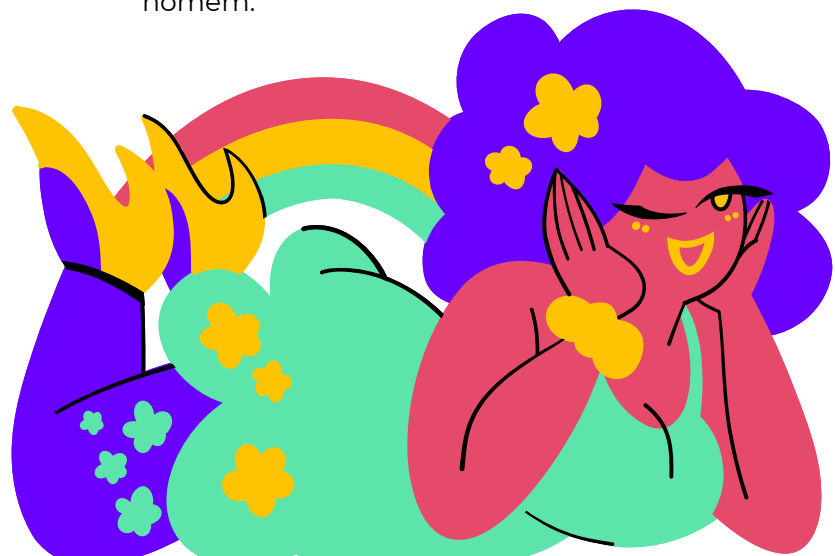


Você deve ter ouvido sobre Drag Queen em algum lugar, seja nas redes sociais ou até mesmo na Netflix, com a famosa RuPaul, com seu grande reality show RuPaul Drag Race que está em exibição no streaming, com grandes audiências. Para os íntimos, a mama Ru, por se tratar de um grande reality show de competição entre drag queens. Sem contar os nomes como Pablo Vittar e Gloria Groove que fazem sucesso tanto nacionalmente quanto internacionalmente e têm feito a participação em grandes propagandas, trazendo o questionamento de inclusão social à tona.

Mas, apesar de o assunto estar crescendo cada vez mais, você conhece a arte Drag Queen?! O nome Drag Queen surgiu já de forma artística e era usado para os atores homens que se vestiam de mulheres em cenas de peças de teatro, que veio do termo "Dressed Resembling A Girl", porém o Queen surgiu depois. Como era um meio artístico muito conhecido nas comunidades gays, e a irmandade sempre foi carregada de gírias, acabou que ficou Drag Queen.

Existem muitas terminologias sobre o que é ser Drag Queen, entretanto é de suma importância salientar que esse termo sofreu diversas metamorfoses, tanto em estética como na sua função, podendo hoje em dia ter várias ramificações do que é ser uma Drag. Porém, nunca perdeu seu foco principal, que é a grande arte do estranhamento por ser carregada de personalidade exagerada, muita maquiagem, muita cor e diversas formas e jeitos de ser expressada.

A arte Drag está muito associada ao universo gay, já que, muitas baladas gays tem apresentações de várias drags. No entanto, se engana quem pensa que só homens gays podem performar como drags. Todos os gêneros podem aderir a esse estilo artístico, seja mulher ou homem. Drag Queen é se vestir caracteristicamente de mulher e, Drag King, é se vestir caracteristicamente homem.





Para a artista Mayna Venturini da Silva, mas também conhecida como Cherry Pop, de 30 anos, a “Arte Drag para mim tem muito do absurdo, da possibilidade de ser e fazer o que você quiser. É uma coisa livre, sem limites.” Mayna iniciou o amor pelo mundo drag quando ainda era pequena e encontrou uma forma de se expressar mesmo sendo mulher.

Franklyn Araujo, ou Tia Franny, é apaixonada por essa forma de se expressar e conta como foi o processo criativo da persona da sua drag: “A Franny nasce de um movimento artístico, sabe, foi num momento em que eu estudava teatro, ainda, e eu tinha preconceito com essa coisa de montagem de Drag Queens, até que um dia saiu um papel para eu fazer, foi em um sorteio, e esse papel era um papel feminino, e algumas características, eram características das Travestis, das Drags Queens. E aí começou o processo de estudos e tudo mais e fui criando o gosto, esse gosto pela montagem, a paixão pela arte da Drag Queen.”

A partir daí as apresentações começaram. “Eu comecei a me montar nas festinhas com os amigos, gostava de performar, de dançar, de atuar, logo fui unindo o útil ao agradável, junto com muito estudo foi nascendo a Tia Franny. Eu tive professores maravilhosos que me incentivaram muito, principalmente nesse processo de pesquisa, de montagem de personagem porque a Franny não sou EU de peruca, a Franny é uma outra pessoa, ela é um personagem, então o jeito de falar muda, a forma de expressar muda, a entonação da voz também muda, tudo vai mudando nessa construção. Eu comecei a trazer a Franny para fora do teatro e colocar ela em eventos mais específicos, festinhas, eventos, performances e nessa brincadeirinha aí a gente já tem 8 anos mais ou menos.”



Foto: Arquivo pessoal, Tia Franny

MAS PORQUE DRAG QUEEN É ALGO ARTÍSTICO?

Trata-se de uma criação de um personagem “fictício” com uma personalidade extremamente exagerada e cômica, ou seja, caracterizado como algo teatral ou como performance. Além disso, muitos desses personagens carregam um discurso crítico, político e transformador, pois sabendo que mulheres e a comunidade LGBTQ+ são pessoas socialmente desvalorizadas e diminuídas, ser Drag não é apenas uma arte, é ter uma voz a mais para lutar por direitos que deveriam ser distribuídos de forma igual para todos. Essa arte trouxe muitos questionamentos sociopolíticos a serem discutidos por todos, tanto que, nos anos 60 chegaram a causar várias mudanças, como a diminuição da censura dentro do mundo literário, uma circulação maior de anticoncepcionais, a fala sobre a homossexualidade.

“A Tia Franny é uma drag Queen da cultura. Já não basta a dificuldade de ser Drag Queen, ainda é mais difícil você ser uma Drag Queen que performa cultura. Eu faço performances em sarau em movimentos culturais para o público LGBT, e é muito mais difícil né, porque as pessoas sempre vão ver as Drags Queens como algo mais de baladas, de boate, não como uma Drag Queen numa peça de teatro, numa produção cinematográfica, recitando poesia, cantando uma música, apesar de que nós temos isso, mas as pessoas ainda fecham os olhos para isso dentro da cultura.”, diz Franklyn vulgo Tia Franny.



Super Drags é uma animação encontrada na Netflix desenvolvida por um estúdio no Brasil, que traz um desenho cômico, mega colorido e muito engraçado que mostra a vida de três colegas de trabalho que levam vidas comuns e como Drag Queens super-heroínas. Elas combatem o crime e outras forças malignas como um político conservador.



Hurricane Bianca é o filme estrelado por Bianca Del Rio após seu grande sucesso no reality RuPaul's Drag Race. A história retrata sua vivência como professor de Ciências em uma escola dos Estados Unidos que é demitido após um de seus perfis em uma rede social gay ser exposto e ser visto pela diretoria. Querendo se vingar dessa forma injusta de demissão, ele assume uma nova identidade e consegue ser recontratado com sua Drag Queen Bianca Del Rio, que briga com tudo e todos para honrar seu direito de exercer sua profissão.

Nasce Uma Rainha é um reality brasileiro que também pode ser visto da Netflix apresentado por duas Drags Queens: Gloria Groove e Alexia Twister. Trata-se de um programa que consiste, além de celebrar a arte performática, acompanhar as drags iniciantes em busca da sua identidade.



Fotos:
Divulgação/Netflix

O processo de se “montar” no personagem pode levar horas e sempre é algo trabalhoso. Cada drag tem um estilo, uma expressão, um jeito, um cabelo, uma maquiagem. “Eu costumo falar que eu ainda estou no processo de montagem, eu acho que hoje eu entendo qual é o rosto da Franny, qual é o estilo da boca, qual é os estilos da maquiagem, mas de vez em quando a gente tem a oportunidade de experimentar coisas novas, a montagem em si ela é muito mutável, então não tem nada pré-definido.”, explica Tia Franny.

O artista explica que se inspira muito em movimentos dos anos 80, com sobrancelhas mais arqueadas, fininhas e uma pegada de vilãs da Disney, sem deixar a brasilidade de lado. “A Tia Franny se inspira muito nas Drags Queens no cenário de São Paulo, que é Silvete Montilla, Taila Bombinha, que são Drags da comédia, a Robert Moon, a Vitória Prince que são performances, em questão de maquiagem eu me inspiro muito na Adivaine que foi a primeira Drag Queen a ser protagonista de um filme.”

A verdade é que a Tia Franny gosta dos movimentos leves, mas com ritmo, da Carmen Miranda, a coisa da dança das divas pops como Madonna, Cher e Lady Gaga, a iluminação de Rita Lee, Gal Costa, Maria Bethânia. “Eu me inspiro em sentimento. Se você assistir uma performance da Tia Franny ao vivo, você sai de lá com um sentimento, não teve uma pessoa que não falasse assim: ‘Assisti à apresentação da Tia Franny e eu tive sentimento dentro de mim’. A Tia Franny é guiada pelos elementos, é inspirada pela natureza, então ela traz essa energia muito louca, essa energia maravilhosa.”



1920



1940



1970



1990

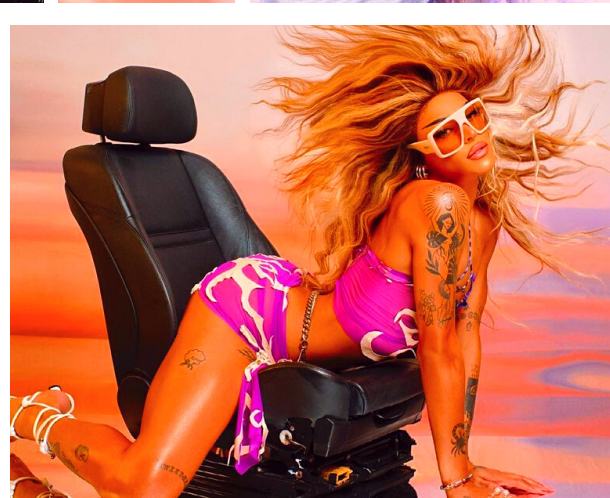
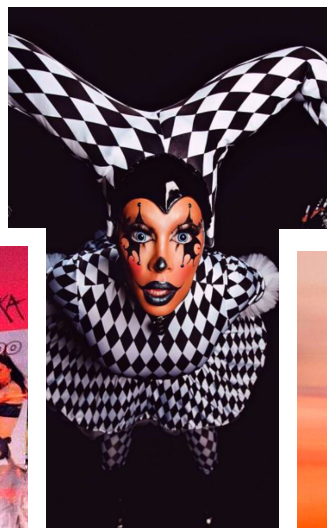
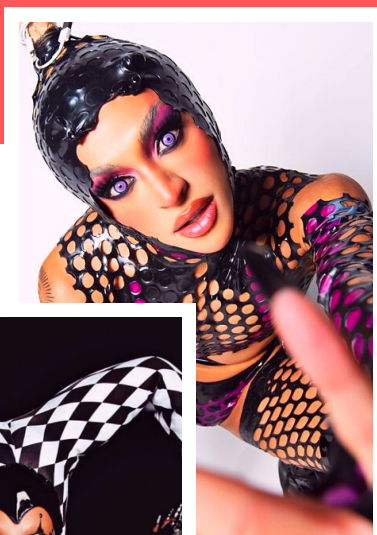
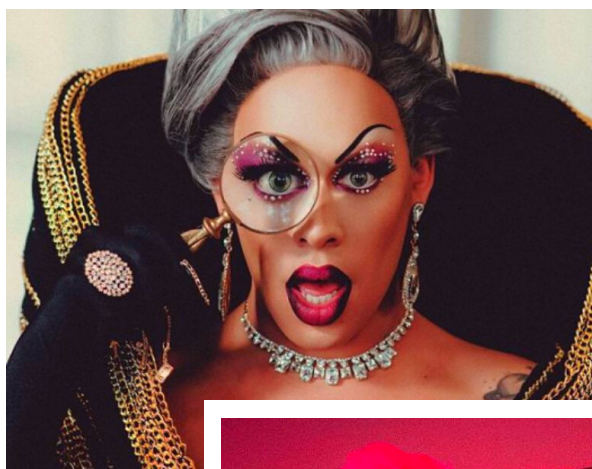
2000



A ASCENSÃO DRAG NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Os anos 90 são vistos como uma década de ascensão para as drags com o pop em alta. Temos como exemplo Rupaul, um homem negro alto de peruca loira e com sua semelhança muito parecida com uma top model em sua drag que já havia atuado em inúmeras curtas até mesmo um filme. Rupaul ajudou a arte drag queen, elevou muito o conceito artístico mostrando para o mundo através da sua música, que chegou a ficar em segundo lugar na Billboard Hot Dance Music/Club Party com o single Supermodel (You Better Work), seus filmes e curtas também fizeram muito sucesso, trabalhos como modelo e na passarela, inclusive ganhando um talk show em 1996 na VH1. Desde 2009 comanda seu próprio programa, que hoje em dia é transmitido pela Netflix, que é Rupaul's Drag Race, que recebe vários famosos do showbiz e tem sido topo de audiência em muitos países.

Atualmente a cultura das Drag Queens vem em uma crescente gigantesca aqui no Brasil que começou lá na década de 90. Muito dessa influência vem da cultura estrangeira do pop e de seus artistas drags importados. Uma outra coisa que favoreceu o crescimento dessa cultura foi que nesse período as Clubhouses aqui no Brasil estavam no seu auge, e as drags apareciam em todo lugar, desde revistas até programas de TV, inclusive a Drag Cherry Pop disse "Sempre fui apaixonada por drag queens, desde que vi o programa do Silvio Santos em que tinha o quadro das transformistas, quando eu tinha 4 anos." Hoje em dia as Drags brasileiras nos representa internacionalmente carregando seu vozeirão no mundo a fora, com grandes hits como K.O, Triste com T, Bandida, Zap Zum, A QUEDA, BONEKINHA de Pablo Vittar e Gloria Groove.



| Fotos: Reprodução/Instagram

O CENTENÁRIO DA SEMANA DA ARTE MODERNA DE 1922 JÁ COMEÇOU

A data oficial dos festejos está prevista para acontecer entre os dias 11 e 18 de fevereiro, mas você conhece os artistas envolvidos nesse grande evento? E suas obras?! Como parte dessa celebração, a Paulistana traz uma análise do Monumento às Bandeiras e da Basílica Nossa Senhora do Carmo de São Paulo

Por Giuliana Maciel Araujo e Jéssica Mendes

Foi na semana de 11 de fevereiro de 1922 que aconteceu um marco na História da Arte do Brasil. A Semana da Arte Moderna reuniu 51 obras sendo elas de artistas, pintores, escultores, musicistas, entre outros, dando início ao movimento modernista no Brasil, em uma data que contempla dois fatores importantes na história do país: a comemoração de um século de independência da colonização de Portugal e o destaque para a fama da arte moderna brasileira entrando finalmente no circuito internacional.

A comemoração do centenário da semana de arte moderna de 22 está prestes a ocorrer e, pensando nisso, essa reportagem aborda duas obras/artistas que fazem parte do cotidiano paulistano, mas que muitos nem sabem que estão ligados ao evento. Estamos falando da escultura O Monumento às Bandeiras e do projeto arquitetônico Basílica Nossa Senhora do Carmo de São Paulo.

O Monumento às Bandeiras foi produzido pelo escultor Victor Brecheret



e está situado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Inaugurado em 1963, a escultura foi encomendada pelo Governo do Estado e mostra os bandeirantes desbravando terras e os índios, mamelucos (soldados de milícia), negros e portugueses empurrando a canoa das Monções. Mas o que deixa essa obra impactante é o valor da história que ela tem. Para quem não sabe, os bandeirantes na época do período colonial plantavam violência e colhiam destruição por onde passavam, sendo assim, essa escultura tem uma forte simbologia negativa.

O bandeirantismo foi um fenômeno que se organizou na Capitania de São Vicente entre os séculos XVI e XVIII. Ao contrário da realidade contemporânea, a região sudeste da colônia representava um território economicamente bastante marginalizado. Sem que houvesse grandes interesses econômicos por parte da Metrópole (Portugal), a Capitania contava com recursos materiais escassos, poucos escravizados, uma circulação bastante restrita de capitais e a produção de marmelo como principal expoente de sua economia.

Sendo assim, os “bandeirantes” eram indivíduos (normalmente homens brancos ou miscigenados) que exploravam as regiões do interior colonial em busca de formas de gerar riquezas. Essas expedições eram chamadas de “bandeiras” que, via de regra, faziam usos de rios para penetrar na direção oeste do território.

No Brasil tivemos em 2013, 2016 e agora mais recente em 2020, episódios marcantes na cidade de São Paulo de intervenções em alguns monumentos de bandeirantes (incluindo o “Monumento às Bandeiras” e a estátua do Borba Gato).

A maneira de pensar esses atos de manifesto da população poderia ser coerente quando entendemos todas as

as problemáticas trazidas por essas pessoas que tiveram suas esculturas representadas como forma de arte, Mas segundo a professora universitária Fabíola Tarapanoff, que lecionou na graduação da disciplina Arte, cultura e estética, na Universidade FMU FIAM FAAM, o Monumento às Bandeiras não pode ter a sua história mesmo sendo trágica, apagada, pois se deletamos um fato vai parecer que ele nunca ocorreu:

EVENTOS PARA A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Exposição "A Mostra de Fotografia que Não Houve na Semana de 22" com retratos realizados por fotógrafos da época.

De: 01 de dezembro de 2021 a 30 de julho de 2022.

Instalação "Modernismo Vivo" destacando criações artísticas, autores e artistas que participaram da Semana de 22.

De: 08 de fevereiro a 30 de dezembro de 2022.

Local: Casa Guilherme de Almeida
R. Macapá, 187, Sumaré

Exposição "Fantoches da Meia-Noite" mostrará o raro álbum de gravuras homônimo de Di Cavalcanti colorido à mão pelo artista.

De: 01 de julho de 2021 a 12 de fevereiro de 2022.

Local: na Casa Mário de Andrade
R. Lopes Chaves, 546 - Barra Funda

Acompanhe a programação completa no site:

<https://www.cultura.sp.gov.br/semana22/programacao/>

“Na verdade eles são registros de uma época, de uma história enfim, por mais triste que essa história tenha sido, eu acho que eles são importantes inclusive para gente lembrar para que esses fatos não se repitam, então eu acho complicado essa questão de você querer derrubar monumentos antigos porque eles fazem apologia à escravidão e tudo mais.”

DO INFERNO AO CÉU

Os portugueses trouxeram para o Brasil o pecado e a graça, a profanação e a sacralização. Havia violência, escravidão e abuso sexual, mas também religiosidade, mais especificamente o catolicismo.

Desde então, boa parte da população brasileira adotou o catolicismo como religião, o que ocasionou na construção de várias igrejas homenageando santos e santas, como é o caso da Basílica Nossa Senhora do Carmo de São Paulo. A igreja cujo nome presta homenagem à Maria, mãe de Jesus, fica localizada no bairro Bela Vista, na cidade de São Paulo.

A obra foi produzida pelo arquiteto polonês Georg Przyrembel, no estilo neo românico, que mostrou o seu projeto na Semana de Arte Moderna de 22, mas que só foi entregue no dia 1 de abril de 1934, um domingo de Páscoa, dia simbólico para os católicos.

Um passeio pela Basílica Nossa Senhora do Carmo é uma experiência que faz qualquer pessoa se sentir maravilhado pela perfeição dos seus detalhes. Com uma arquitetura deslumbrante, a grandiosidade da complexidade da obra pode ser admirada pelo público nos horários de visitação; a basílica fica aberta para missa de segunda a sexta

das 8h30 à 21h, para mais informações entre em contato com a secretaria da basílica o telefone: (11) 3146-4500 ou entre pelo site: basilicadocarmo.org.br.

No entanto, é importante diferenciar a arte sacra da arte religiosa, como explica a professora Fabíola. “A arte sacra foi produzida para fazer parte dos cultos divinos ou rituais religiosos e sempre traz a expressão do artista com a comunidade com a qual está inserida. A arte religiosa tem os valores da religião retratada, mas ela não é destinada para realização do culto divino, ela mostra a vida e devoção religiosa do artista particularmente, então sem a arte religiosa não há arte sacra.”



A TRAJETÓRIA DA FÉ NA ARTE

Hoje em dia, a Basílica Nossa Senhora do Carmo é administrada pela Comunidade dos Freis Carmelitas, e por um gerente administrativo, Jovino José Balbinot, que compartilhou com a gente como é saber que a Basílica foi um projeto da Semana de Arte Moderna 22. “Isso significa ser responsável por aquilo que o tempo foi possível através dos frei carmelitas, produzir a Basílica do Carmo foi construída em 1934, e os Frei Carmelitas daquele tempo acharam importante contratar artistas daquele tempo que pertenceram ao modernismo e outros não para pinturas da basílica.”



O gerente Jovino explicou também como cuidam dessa obra que é a Basílica, principalmente por ela ter uma arquitetura de peso sendo do século XX. “A Basílica do Carmo junto com o convento do Carmo, pertence ao patrimônio histórico, são prédios tombados pelo Condephaat e pelo Conpresp. Sabemos a importância que eles têm por serem tombados como patrimônio histórico e procuramos fazer o melhor para mantê-los em perfeitas condições nesse estado. Realizamos um restauro na basílica há pouco tempo, há uns 5 anos. Ela foi toda restaurada externamente desde o telhado até a parte externa e instalamos recentemente uma plataforma para ter acesso a acessibilidade.”

Eles preservam a história da arquitetura da Basílica através de registros escritos, fotografias e também com o apoio de profissionais que cuidam tanto da parte interna quanto da externa. “Nós temos registros escritos, fotografias, é uma forma de manter a memória, notícias da época, jornais da época, também publicaram. Há pesquisas, recentemente recebemos a presença de pesquisadores que estão publicando suas teses e suas dissertações, sobre a história das obras e também da basílica. Então a forma de manter viva a memória é através da pesquisa, através das fotografias, através de registros e poder também compartilhar isso com a comunidade.”, reforça.

Para Jovino duas palavras representam tudo que ele sente e ama fazer dentro da Basílica: alegria e gratidão. “Parece que estou na casa da minha mãe, é esse o sentimento.”



UM OLHAR MAIS PROFUNDO COM O PROFESSOR DE HISTÓRIA, RAFAEL VERDASCA: 32 ANOS, PROFESSOR DE HISTÓRIA EM CURSO PRÉ VESTIBULAR E PODCASTER NO “HISTÓRIA PIRATA” (DISPONÍVEL NO SPOTIFY)

Já existem algumas propostas com o objetivo de estabelecer uma política pública de combate ao racismo por meio do reconhecimento do papel que figuras históricas tiveram na prática escravagista no Brasil. O Monumento às Bandeiras se encaixaria nessa discussão? Por quê?

Entendo que, antes de mais nada, é necessário que tenhamos a compreensão de que o “Monumento às Bandeiras”, inaugurado em 1954, diz mais sobre o século XX do que sobre o fenômeno do bandeirantismo. São Paulo queria ser vista como uma cidade marcada pelo ímpeto exploratório, uma das marcas do fenômeno das bandeiras durante os séculos XVI e XVIII. Contudo, ao selecionar essa única característica, a construção desses monumentos favorece que o passado indígena seja negado e, principalmente, contribui – ainda que de maneira subjetiva – para legitimar a violência que os bandeirantes cometeram contra essas populações. Por isso, a representação desses monumentos produz uma imagem acerca dos bandeirantes que traduz como a cidade de São Paulo deseja ser vista e não, necessariamente, o processo histórico em si. Dito isso, a resposta para a pergunta de se o “Monumento às Bandeiras” se encaixa na discussão do combate ao racismo é: depende. Se limitarmos esse combate única e exclusivamente contra o objeto estátua, a resposta é não. Mas, se houver essa compreensão mais profunda de que a estátua é construída por nós, ainda no século XX, enquanto sociedade, sem sombra de dúvidas o “Monumento às Bandeiras” é um elemento central dessa discussão.

Em 7 de junho, manifestantes derrubaram e jogaram no rio a estátua de um traficante de escravos em Bristol, no Reino Unido, e após isso tivemos no Brasil manifestantes colocando fogo na estátua do Borba Gato na cidade de São Paulo. Você acredita que esse movimento de depredação de “monumentos históricos” é uma tendência pela busca de reparação histórica?

Creio que temos que tomar um importante cuidado para que não caiamos na cilada de, ao exaltar fenômenos no exterior (como os acontecimentos recentes nos Estados Unidos, Reino Unido etc.), não esqueçamos da nossa própria história e do nosso protagonismo enquanto agentes dessa história.

Agora, em um sentido mais amplo, a destruição ou depredações contra monumentos históricos, não é uma invenção brasileira e nem do século XXI. Trata-se de algo que aconteceu de forma frequente ao longo da história nas mais diversas sociedades. Temos sempre que lembrar que somos nós quem construímos essas estátuas e as fazemos “monumentos históricos”; da mesma forma, como nós quem as destruímos para fazermos novos “monumentos históricos”.



BTK Profile: Máscara da Maldade

Por Gabriele Souza

Como investigar a mente de um serial killer? É possível compreender como e por que um bom pai de família, escoteiro, presidente do Conselho de Congregação da Igreja Luterana de Cristo amarrava, torturava e matava mulheres, homens e crianças?

Para a equipe do jornal Wichita Eagle, que fez a cobertura do caso de Dennis Lynn Rader, um serial killer que matou 10 pessoas entre 1974 a 1991, em Wichita, Kansas, essa foi a pergunta essencial: Quem era BTK? BTK (bind, torture, kills, da tradução amarrar, torturar e matar) era a assinatura que Dennis utilizou em alusão aos atos que cometia com suas vítimas.

A cobertura jornalística apurada não só respondeu à questão com a captura de Rader em 2005, como também gerou um vasto arquivo com centenas de artigos sobre o caso. **BTK Profile: Máscara da Maldade** registra essa trajetória reunindo documentos, evidências, depoimentos e restituições com base em testemunhos. Roy Wenzl, Tim Potter, Hurst Laviana e L.Kelly, a equipe que cobriu o caso e que escreveu o livro, não só se concentra em retratar o assassino em série que aterrorizou uma cidade por três décadas, como também, em conhecer os bastidores de uma investigação que consumiu parte da vida de dezenas de policiais. E é na voz e trajetória de vida pessoal e profissional do tenente Ken Landwehr – e outros investigadores de sua equipe - que conhecemos o “outro lado” dessa história.

O Jornal Wichita Eagle fez a cobertura dos crimes desde o início criando um relacionamento intrincado entre jornalistas, editores, a polícia e o serial killer. Foi para o jornal que BTK enviou sua primeira mensagem, vangloriando-se por iludir a polícia. O típico serial killer narcisista, que gostava de contar seus “feitos” e se exibir como quem tivesse ganhado um troféu. Rader era um assassino arrogante, não lidava bem com as frustrações e ficava raivoso quando não recebia os créditos da morte de suas vítimas. Foi, inclusive, somente depois da carta ao jornal Eagle que a polícia começou a tratá-lo como serial killer.

A história de Dennis Rader tem um tom ficcional pois a narrativa nos coloca para observar o ponto de vista não só do assassino, como da imprensa, dos policiais, das vítimas e seus familiares, com base nos depoimentos dados. Mostra também os inúmeros erros de investigação da polícia e a pouca tecnologia existente na época para desvendar os crimes.

Wichita entrou em estado de alerta após os crimes noticiados, o que levou, principalmente as mulheres a terem mais cuidado ao chegar em casa e sempre checar o telefone para ver se a linha não havia sido cortada, já que uma das assinaturas do assassino era a linha telefônica cortada para posteriormente enforcar suas vítimas.

O que o torna um livro excepcional é a cronologia impecável dos fatos e em como os autores foram além dos crimes, contando outras histórias, trazendo mais emoção e realidade ao que era contado.

Ao acompanharmos a trajetória pessoal e profissional de Landwehr, que dedicou sua vida à investigação, é possível entender também que BTK não era um serial killer inteligente, mas, que foi beneficiado ao longo dos anos por inúmeros erros policiais. Compreendemos igualmente como essa caçada foi exaustiva para a força-tarefa, afinal, os crimes tiveram início em 1974 e ele só foi preso em 2005.

A leitura fica cada vez mais tensa, nos levam a uma inquietude incômoda à medida que a prisão de Dennis Rader fica mais próxima. Por se tratar de um conteúdo sensível e bem detalhado, nos deparamos em vários momentos seguindo o pensamento de Rader, como um homem comum aos olhos da sociedade.

O livro nos traz uma riqueza de detalhes e nos leva para perto de BTK, temos uma sensação mais real e próxima de como foram os crimes, melhor do que vimos em diversas séries. Além, claro, de entender como uma força-tarefa policial se forma, a relação da polícia com a imprensa, a linha do tempo dos crimes e talvez até, entender quais motivos levaram o serial killer a fazer o que fez.

Um ponto interessante que não podemos deixar de falar, é a forma como serial killers são colocados nas mídias, livros e outros, como seres extremamente inteligentes e dotados de destreza e intelecto, o que não condiz com o assassino. Dennis não escapou da polícia por 30 anos por ter um QI acima da média ou sua esperteza, mas sim uma série de erros policiais que permitiram que ele continuasse matando. Inclusive, ele deixou materiais genéticos em duas cenas de crime, mas, contou com a limitação das investigações forenses da época. BTK desmistifica esse conceito de serial killer inteligente e genial. Ele era apenas um homem comum, com seu padrão de vida como tantas outras, vivendo seus sonhos mais íntimos e perversos.

Para fãs do famoso True Crime, BTK PROFILE: Máscara da Maldade é um livro indispensável, leitura rápida, fácil, envolvente e perturbadora. Para quem é sensível a assuntos de gênero, talvez não seja uma boa indicação, já que suas vítimas favoritas eram mulheres que moravam sozinhas. Uma experiência e tanto!



Foto:
Divulgação/Editora Darkside

SINOPSE:

BTK Profile: Máscara da Maldade é um livro que investiga a mente e o comportamento humano e entra para a Coleção Profile da linha Crime Scene® ao lado de Ted Bundy: Um Estranho ao Meu Lado e Killer Clown Profile: Retrato de um Assassino. O trabalho de Wenzl, Potter, Laviana e Kelly nos faz questionar se realmente conhecemos as pessoas que convivem conosco — e o que nos torna vulneráveis diante do perigo.

FICHA TÉCNICA

Título: BTK Profile: Máscara da Maldade

Autores: Roy Wenzl, Tim Potter, Hurst Laviana e L. Kelly

Tradutor: Eduardo Alves

Editora: DarkSide books

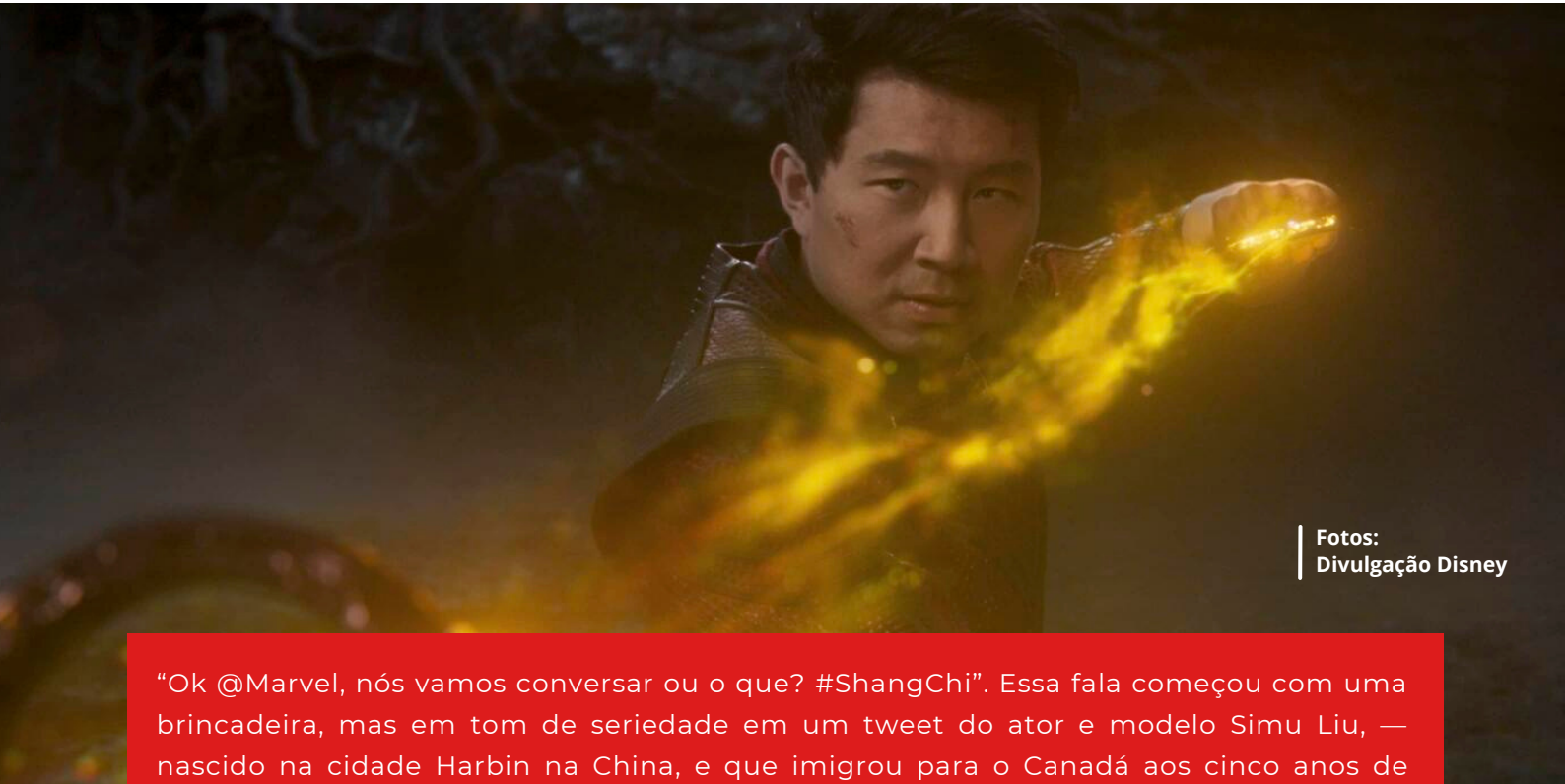
Gênero: Não-ficção | Policial

Ano: 2019

O QUE HÁ DE ESPECIAL EM SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS?

NÃO UM EXPERIMENTO, MAS SIM UMA APRESENTAÇÃO DA FASE 4 DA MARVEL QUE DEIXOU OS ESPECTADORES SEM FÔLEGO

Por Gabriela Carvalho



Fotos:
Divulgação Disney

“Ok @Marvel, nós vamos conversar ou o que? #ShangChi”. Essa fala começou com uma brincadeira, mas em tom de seriedade em um tweet do ator e modelo Simu Liu, — nascido na cidade Harbin na China, e que imigrou para o Canadá aos cinco anos de idade —, no final de 2018 quando a ideia do longa começou a ser discutida, e terminou sendo a primeira produção lançada durante uma pandemia a arrecadar mais de US \$200 milhões nas bilheterias norte-americanas.

Além da produção do presidente da Marvel Studios, Kevin Feige, parte da alma do longa ficou nas mãos do diretor Destin Cretton e com o roteirista David Callaham, ambos nascidos e criados nos Estados Unidos, e descendentes por parte de mãe de etnias japonesa e chinesa, respectivamente. Com esse detalhe pontuado, o vigésimo quinto filme do UCM (Universo Cinematográfico Marvel), mas o primeiro a ser estrelado por um super-herói asiático, garantiu seu sucesso.

Apesar da típica jornada do herói em que o personagem principal enfrenta conflitos familiares para então iniciar sua jornada e termina salvando o mundo, o filme consegue apresentar mais do que esse clichê se o espectador conseguir se atentar às mensagens ocultas. O protagonista chinês Shang-Chi foi criado em um ambiente de mistérios e poderes até a adolescência pelo pai, Xu Wenwu, líder da organização dos Dez Anéis para se tornar um mestre em artes marciais. Porém, quando é mandado para sua primeira missão no exterior, o jovem herói foge e passa a viver com uma nova identidade. Mas assim que seu passado volta para tirar satisfações, não há outra escolha a não ser enfrentá-lo, nem que isso o leve até o próprio pai, a quem mais temia.

Por se tratar da Marvel, a computação gráfica predomina nas cenas de luta, contudo não deixa de transmitir a essência e o respeito durante a produção. Essa observação é de Sisi Qian, 20, que nasceu e cresceu na China até os 5 anos de idade, quando se mudou com os pais para o Brasil. Quando questionada sobre sua visão geral do filme completa: “No geral achei o filme interessante, com mais cara de filme de fantasia chinesa do que um filme da Marvel. Cheio de referências da nossa cultura, e uma boa parte foi apresentada em mandarim, também tem partes que lembram as novels de artes marciais típicas da China.”

Um pouco de história e cancelamento

Shang-Chi foi um personagem fictício criado pela Marvel Comics no início dos anos 1970, quando os filmes e séries de artes marciais em Hollywood estavam no auge da febre, e foi totalmente influenciado pela figura de Bruce Lee. Aqui no Brasil, o herói ficou conhecido por Mestre do Kung Fu, uma maneira de abrigar o nome original em chinês para não ocorrer problemas em relação a pronúncia.

Nas HQs (histórias em quadrinho) do escritor inglês Sax Rohmer, o vilão fictício da trama era Fu Manchu, mas depois da Marvel perder os direitos dos quadrinhos do personagem, e para contornar o problema, acabou sendo adaptado para o cinema com o nome de Zheng Zu, que seria também o pai de Shang-Chi. Outro personagem, ou melhor dizendo criatura, adaptado para o longa, foi um dragão tradicional da mitologia chinesa, chamado de Fin Fang Foom, uma tentativa vista como racista ao tentar criar um nome que soasse chinês.

Devido aos estereótipos racistas de asiáticos representados no audiovisual ao longo dos anos, mas principalmente como a figura do herói Shang-Chi foi mostrada no ocidente, a maior audiência esperada era a da China – o filme sendo uma tentativa de oferta de paz da Marvel – porém o governo barrou a passagem do longa nos cinemas do país. Não é de hoje que a China passa os filmes estrangeiros por um processo de censura para que o conteúdo não viole os valores do governo socialista.



Surgiram críticas relacionadas ao ator do protagonista, Simu Liu, por parte de defensores e membros do Partido Comunista Chinês, quando revelou como seus pais saíram do país e migraram para o Canadá. Aliás, pode-se dizer que isso afetou na decisão de banir o filme. Algumas pessoas também afirmam que o ator não possui o padrão de beleza chinês. Outros dizem que tanto o ator como o personagem abandonaram sua nação ao deixarem o país.

Outra alteração quase imperceptível para o público geral foi a mudança na trilha sonora após o primeiro trailer oficial revelado. Nele, é possível ouvir a voz do cantor e produtor chinês Jackson Wang. No entanto, depois da política de banimento, na versão final do filme, as letras foram retiradas e permaneceu apenas o instrumental no que seria a cena do confronto final. Não foi revelado se o cantor rompeu com a colaboração por esse motivo.

Pra lá de orgulhosos

Mesmo com esses problemas e críticas, cerca de 97% das pessoas envolvidas na produção da obra são de asiáticos, além de Simu Liu interpretando Shang-Chi, temos a presença da atriz e comediante Awkwafina (Katy), o lendário ator de Hong Kong e mestre em artes marciais Tony Leung (Xu Wenwu), a atriz sino-americana Fala Chen (Li) e a atriz malaia de origem chinesa Michelle Yeoh (Ying Nan) no elenco principal.

Simu Liu explica orgulhosamente na coletiva de estreia sobre a representação asiática ser o ponto chave do filme. “Muitos de nós, filhos de imigrantes, nunca pudemos nos ver autenticamente nas telas. Vimos caricaturas e estereótipos. Acredito que esse filme vai ser uma parte importante para essa conversa.” Awkwafina continua no mesmo racíoci-

cínio: “será muito importante para aquele menino e aquela menina que não veem muitas pessoas de origem asiática, ou outras minorias, na tela. Quando você vê um super herói, você vê a si mesmo”.

Apesar de se tratar de um filme de ação, outra questão importante é a busca pelo “lugar no mundo”, já que, o protagonista não saber quem ele realmente é e a que lugar pertence, fazendo uma alusão as crianças asiático-americanos que na maioria das vezes, não se sentem asiáticos o suficiente e nem americanos o suficiente. “Ao longo do filme, ele deve aprender a ser dono de cada parte de si mesmo. Esta história é, em essência, ver um jovem lidar com seus problemas pela primeira vez”, descreve Destin Cretton, diretor do filme, durante a premiére.

Deixando de lado a ligeira impressão de que o filme foi feito representando somente asiático-americanos do que de fato a cultura chinesa, Sisi responde a essa dúvida: “Eu acho que por ser um filme produzido por uma empresa/equipe ocidental, é normal que o ator tenha essa conexão entre os dois lados do mundo. Não vejo isso como uma coisa ruim, porém acho que um filme produzido na China, totalmente por chineses, seria a melhor escolha quando o foco é a nossa história!”

Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis estreou em 2 de setembro nos cinemas brasileiros. Sua previsão de lançamento no Disney+, serviço de streaming da Disney, está para a primeira quinzena de novembro, sem cobranças de taxas para assinantes.



OS JOVENS POUPAM E INVESTEM?

Como ficaram os gastos da geração Z durante a pandemia?

Por Mariana Pires e Vitor Cavalcante

O valor que os jovens dão ao consumismo e a necessidade de se ter tudo e o quanto antes, seguir tendências, correr contra o tempo, muitas vezes acontece por ainda não saberem quem são, fazendo com que, precisem pertencer a um grupo que, de certa forma, passe a definir quem esse jovem é.

Em um sistema capitalista os jovens são os mais atingidos pois, desde cedo, são incentivados ao consumo tornando-se presas fáceis, não reconhecendo suas reais necessidades. No entanto, a satisfação pelos desejos atendidos é momentânea e o ciclo de falsas necessidades começa novamente. Esse ciclo vicioso, muitas vezes, é inexistente para alguns, mas

visto como necessário por outros.

Em 2018, a Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo – SBVC realizou uma pesquisa para entender os hábitos de consumo dos jovens. Entre os hábitos de consumo relacionados a compras, cerca de 75% dos entrevistados afirmou já realizar compras online, sendo roupas, calçados e acessórios as categorias mais buscadas.

A partir disso, entrevistamos alguns jovens paulistas, dos 15 aos 29 anos, para entender como é o perfil de consumo deles e como a pandemia e a inflação afetou na sua forma de gastar ou economizar dinheiro.

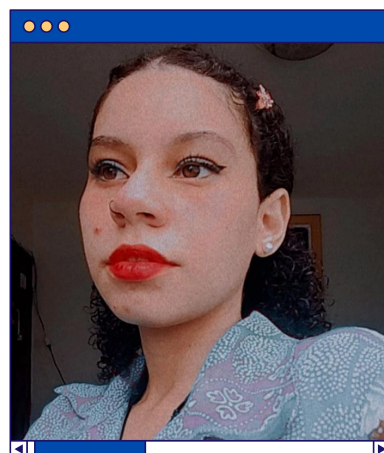


“Não costumo [poupar ou investir] e gastei mais em compra online com a necessidade de compras básicas. O fato de estar em casa e não estar gastando na rua, somado com a força das propagandas de compra online, me fizeram gastar bastante.”

Yuri Feitosa, 22 anos

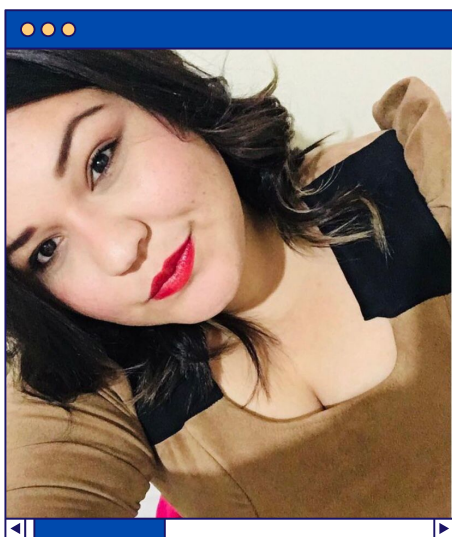
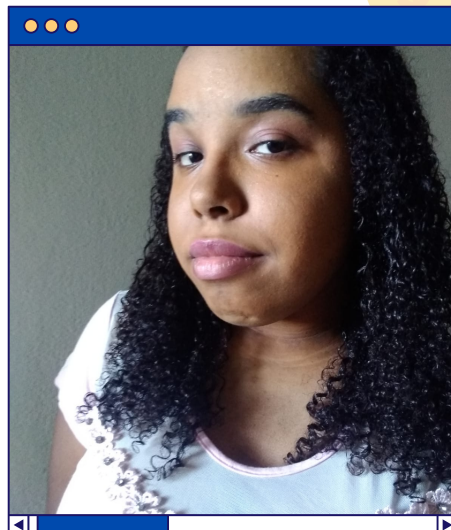
“No momento não estou pouparando e nem investindo. Sinto que gastei mais em itens de entretenimento on-line por estar passando mais tempo em casa e precisar de mais distração.”

Iasmin Victória Muniz, 20 anos



“Eu costumo guardá-los em meio aos meus livros, porém sou péssima com o dinheiro que está on-line, é um esforço descomunal para mantê-lo. Creio que quase não fiz muitos gastos, na verdade, sendo completamente o contrário do que disse antes. Só comecei a fazer minhas compras no final de 2021.”

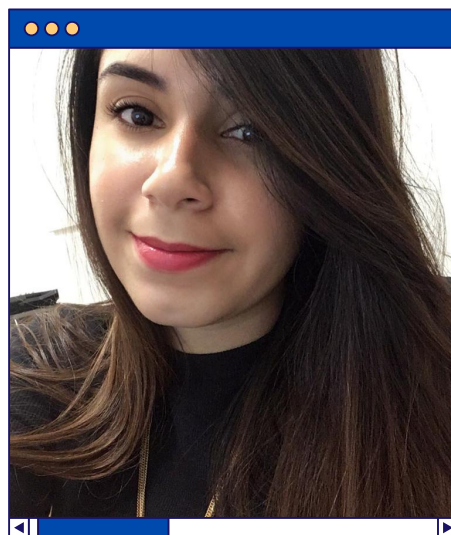
Emanuele Samuel Santos, 20 anos



Gabriela Ribeiro, 26 anos

“Bom, eu tento poupar mas, é um pouco difícil. Infelizmente ainda não consegui criar uma educação financeira por mais que tenha muita vontade. E nunca investi por não saber muito bem como funciona. No lockdown, o dinheiro durava mais tempo na conta rs. Fiz muitas compras online, mas a compulsão em gastar estava mais controlada.”

“Apenas coloco uma parte na poupança para render. Gastei mais, pois o tempo em casa me fez ficar olhando mais lojas e, principalmente, querer pedir mais comida de fora.”



Nayara Vasconcellos, 24 anos



A MODA COMO VÁLVULA DE ESCAPE: CONSUMO DESENFREADO OU FACILIDADE DE COMPRA?

Por Beathriz Lima e Ingrid Ramos

Muitas pessoas alegam que, por terem ficado muito tempo ociosas e fora do mundo “real”, tiveram o aumento dos impulsos relacionados às compras, principalmente, de roupas e acessórios. De acordo com uma pesquisa (realizada pela Mastercard SpendingPulse), o e-commerce brasileiro teve um crescimento de 75% em 2020 se comparado ao ano anterior durante o isolamento social.

Esse é o caso de Carla Martinez, moradora da zona leste de São Paulo que acabou comprando mais por não conseguir frequentar lojas físicas. “Como eu fiquei de quarentena meses e meses, não consegui comprar em brechós como gostaria e acabei comprando mais em lojas online. Fui muito impactada por anúncios de novas lojas e outras que já costumava comprar”.

“Publicidades mais criativas, com qualidade de vídeo e áudio superior sempre atraem mais -
Rafaella Melo

Ainda sobre o crescimento do consumo, segundo uma pesquisa realizada por nós nas redes sociais em outubro de 2021, mesmo que 56% das pessoas entrevistadas já tivessem o costume de comprar de forma remota, 55% delas afirmam terem ficado mais consumistas. “Muitas compras, principalmente de roupa, sapato, maquiagem e acessórios foram por influências de anúncios, garotas propagandas ou coisas do tipo. Toda vez que fui impactada por algo, acabei comprando o produto que queria no final”, relata Karoline Saraiva, Analista de Seo na agência CoreBiz.

Entre o público feminino, muitas dessas mulheres foram impactadas digitalmente por conta de anúncios publicitários e investimentos de grandes marcas em mídia paga nas redes sociais, segundo a Influencer de moda e blogueira, Rafaella Melo, com o aumento do consumo as marcas passaram a realizar mais

parcerias a fim de vender mais: “As parcerias, que antes eram presenciais em lojas, passaram a serem feitas a distância. A loja envia o material de trabalho e temos a liberdade de fazê-lo em qualquer lugar.”

Para a maioria das marcas hoje em dia, vai além de uma parceria: “Contratar influenciadores digitais e não precisar gastar com construção e manutenção de sites, usando as mídias sociais, como o Instagram, reduzem o orçamento da empresa e tendem a aumentar o lucro. Você chega mais rápido ao consumidor, e com apenas um clique, ele compra”, diz Danielle Barros, designer de moda e coolhunting. “Fora isso, no online é possível desenvolver o marketing baseado em algoritmos. O serviço ou produto passa a ‘perseguir’ o cliente. Fica difícil não ativar o gatilho mental de compra. Tudo isso adiantou muito o processo de consumo online durante a pandemia”, completa.

Mas a pergunta que não quer calar é: qual público contribuiu mais para que esse aumento ocorresse? De acordo com um levantamento realizado pela empresa de inteligência de mercado Compre & Confie, em 2019, o maior público do consumo online foram mulheres entre 25 a 39 anos. A mesma pesquisa afirma que o futuro do e-commerce no ramo da moda será guiado também por elas.

MODA DE UMA PERSPECTIVA MASCULINA

Ainda que a moda seja uma visão feminina para uma parcela da sociedade, cada vez mais homens chegam a esse mercado. “Quando eu compro uma roupa me sinto bonito, sinto que estou fazendo algo bom por mim”, diz Phelipe Dias, morador da zona norte de São Paulo.

Um levantamento interativo realizado em julho deste ano pela NSC Total, aponta que o cenário tem uma crescente para homens de até 14% ao ano. Além disso, 40% desse público quando realiza uma compra online, ela é relacionada ao ramo da moda.

De diferentes formas, podemos entender que o aumento do consumo está extremamente atrelado ao conforto de se adquirir itens de uma vez só e de forma muito mais cômoda. “O cliente quer facilidade e isso, o online oferece facilmente. Há marcas que possuem lojas físicas e virtuais, mas só oferecem agora determinadas peças no online. Por que ocupar mais espaço de uma loja física se eu posso induzir o cliente a comprar apenas no site ou pelas mídias sociais?”, pontua Danielle.

O e-commerce já existia muito antes do isolamento social acontecer, mas, é nítido como foi muito mais acentuado pelos usuários que se viram dentro de suas casas, imersos em um mundo completamente virtual. Mesmo com o desejo de voltar para as lojas, tocar peças, sentir tecidos e texturas, a verdade é que, as compras online vieram para mudar o mercado têxtil e da moda para as próximas gerações.

Fotos:
Freepik/Canva/Pexels

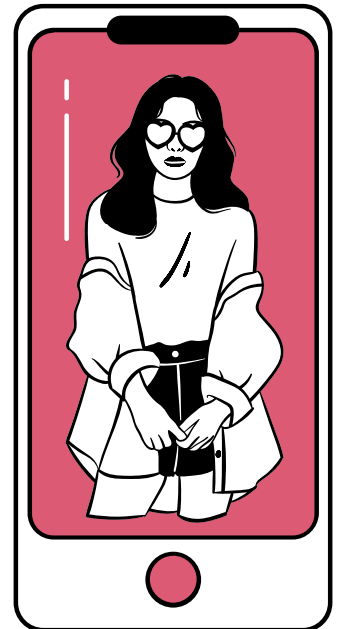


Estilo Gen Z: guia de moda das séries teen

Veja os outfits dos principais personagens das séries que estão em alta no momento e se inspire para criar os seus

Por Bianca Goes e Danielle Barros

É hora de mergulhar no seu guarda-roupas, procurar aquelas peças que a sua personagem favorita também tem e fazer sucesso no look com um visual digno de uma protagonista.



SEX EDUCATION



Fotos: Divulgação/Netflix

Maeve mantém o estilo sexy, rebelde e punk desde a primeira temporada. Piercings, cabelos coloridos e roupas em tons mais pesados marcam o estilo da personagem mais revoltada e mais dócil da série ao mesmo tempo.

SE INSPIRE



Jaqueta de couro
@lojajoucom
R\$119,90



Saia jeans preta
@riachuelo
R\$ 89,90



Eric é o total oposto de Maeve: roupas coloridas, soltas e divertidas representam a identidade do personagem que decidiu enfrentar o preconceito e buscar a liberdade no amor. Ah, e uma dica fashion importante para você se vestir a La Eric é não ter medo de ousar.



Bomber
@coracaodafrica
*Valor não divulgado



Calça track pants
@bawclothing
R\$192,44



ELITE



Fotos: Divulgação/Netflix

Sem papas na língua e espontânea, Rebeka traz bastante cores e adereços chamativos em seu estilo. Neon, pedrarias e estampas marcam os looks da personagem.

A personagem, que é apaixonada por moda e faz suas próprias roupas, não nega elegância e romantismo em seus looks. Tules, silhuetas estilo “New Dior” e tons pastéis marcam o styling de Cayetana.

GOSSIP GIRL



Fotos: Divulgação/HBOMax

Audrey Hope é considerada a abelha rainha da série. Sempre em meio aos convidados de grandes festas e vista como uma garota popular na escola, a girlboss possui um toque moderno e descolado em seus looks. Ah, ela também adora um estilo dramático para compor o closet.



SE INSPIRE

Bomber Clara Arruda Viscose
@lojasrenner
R\$288,00



Calça baggy jogger
@cea_brasil
R\$ 57,99

Vestido enlace vermelho
@usoassim
R\$229,90



Camisa manga
bufante @cea_brasil
R\$77,99



Vestido midi com
gola removível
@amaro
R\$169,90





Foto:
Acervo Pessoal

De acordo com Sebrae 50% dos empreendedores brasileiros se declaram negros ou pardos e a empreendedora e co-fundadora da Webba Desenvolvidores de Sistemas, Luciene Rodrigues de Andrade, faz parte desse dado.

Desde jovem a comunicadora e tecnóloga acredita na educação como ferramenta transformadora e como uma forma de se ir além do que as limitações sociais nos impõem. Luciene como mulher, negra e periférica lutou por seu espaço na tecnologia e no empreendedorismo nacional e nos conta como tem sido esse processo de transpor barreiras.

Ela afirma que a participação das mulheres na tecnologia não só vem aumentando, como também sempre ocorreu e uma das brechas da atuação feminina nesse setor é a formação acadêmica de muitos profissionais.

Resistência no empreendedorismo digital

A vivência de uma mulher negra e periférica em ascensão no mundo dos negócios e tecnologia da informação

Por Barbara Paula

PAULISTANA: Poderia contar pra gente qual é a sua formação e atuação?

Luciene Rodrigues de Andrade: Minha primeira graduação foi em Gestão de Negócios Internacionais pela Universidade São Marcos de 1998 a 2001, mas eu trabalho com tecnologia desde 2008 quando casei com o Gabriel e fundamos a Webba, plataforma digital. De 2006 a 2009 realizei minha segunda graduação pela Fatec Zona Sul em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. No entanto, a tecnologia sempre esteve na minha vida, antes mesmo da graduação já atuava na empresa Ford com a planta de tecnologia na parte de Marketing, então frequentava o salão de automóveis e fazia a divulgação da área de tecnologia da empresa. Hoje estou concluindo meu MBA em Experiência do Usuário, inclusive terminei minha última prova ontem e agora estou iniciando o processo seletivo para o meu mestrado em Empreendedorismo.

P: Você é uma mulher negra que veio da periferia, de uma geração que ainda não tinha tanto acesso à tecnologia. Por que escolheu essa área que parece ser tão distante da sua realidade? Além disso, conseguiu trazer sua formação para a comunidade e contribuir. Por quê?

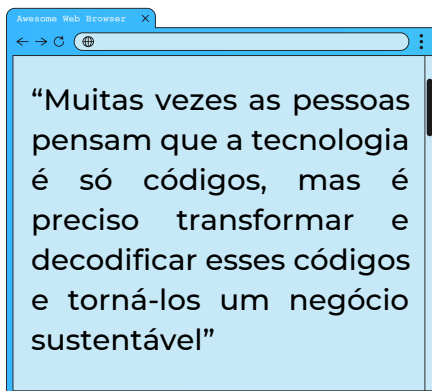
LA: Quando comecei eu queria trabalhar com negociação e cooperação internacional entre países. Eu escolhi essa

área porque gostava e já acompanhava coisas de cooperação entre países, intercâmbios educacionais e comércio exterior desde o ensino médio e sabia que não se tratava apenas de “embarque e desembarque de navios” ou linha de montagens. Assim, quando descobri a grade do curso na São Marcos, vi a negociação internacional como possibilidade e ferramenta para promover acessibilidade na educação e cooperação mútua entre nações. A acessibilidade à educação de qualidade é um dos dilemas no nosso país. E ao entrar na universidade comecei a entender o universo dos negócios e me apaixonei.

A dificuldade em ser da periferia nesse curso, na verdade, foi persistir até o fim, pois ali o universo das pessoas eram de um público privilegiado, diferente de mim e meu amigo Marcos. Eu pegava quatro ônibus para ir e voltar até a faculdade, trabalhava em vários lugares, pois nessa época não havia ProUni, Sisu e meu salário era metade do valor da mensalidade da faculdade. Já uma moça da minha sala, por exemplo, morava num apartamento alugado pelo pai ao lado da universidade. Entretanto, eu nunca permiti que isso impedisse que eu fizesse amizade. Coloquei na minha cabeça que: “tenho tanto direito quanto eles de estar aqui, todos nós prestamos vestibular e passamos, foi uma escolha minha”. Decidi não tirar menos que 9 em nenhuma matéria e assim fui conquistando respeito por minha qualidade acadêmica, conheci um novo universo e caminhas diferentes.

P: Por qual motivo decidiu abrir essa plataforma e qual é a função do Webba Sistemas?

LA: Fundamos a Webba em 2008. No início fazíamos desde sites até a identidade visual. Mas depois a gente se aproximou do mercado de pagamentos digitais e assim conseguimos criar uma plataforma nossa, uma loja. Com o tempo fomos desenvolvendo como e-commerce e também conseguimos aprimorar na área de sistemas personalizados, assim desenvolvemos uma plataforma digital, Marketplace projetado para viabilizar os negócios e ideias de empreendedores no meio digital. Unimos empreendedorismo e tecnologia, uma mistura de humanas e exatas. Por que? Muitas vezes as pessoas pensam que a tecnologia é só códigos, mas é preciso transformar e decodificar esses códigos e torná-los um negócio sustentável. Esse é o nosso papel como pessoas empreendedoras, por isso essa união entre humanas e exatas. É uma loucura, mas dá super certo.



P: Além de atuar numa profissão predominantemente masculina, você também iniciou um projeto independente nessa área: o Webba Sistemas, como foi es-

processo? Quais as suas principais dificuldades do empreendedorismo para você como mulher?

LA: As mulheres geralmente não estão nas áreas técnicas, é difícil encontrá-las nas exatas como um todo, mas na condução e na ciência de tecnologia mais voltada para T.I as mulheres foram pioneiras, antes eram muito mais mulheres do que homens. Então a gente pega digitadores da NASA, as grandes descobertas e missões de tecnologia foram descobertas e realizadas por mulheres, como por exemplo a criação do GPS, mas com o passar do tempo esse protagonismo foi sendo apagado e a gente foi sendo relegada a papéis de atendimento, suporte. Tanto que dentro da faculdade a gente tem um programa chamado “Marias Tecnólogas” e lá a primeira coisa que a gente fala é: “não desista”, se alguém te falou que você tem dificuldade em matemática é porque colocaram na sua cabeça que meninas não sabem matemática, mas isso é bobagem. O que a gente mais enfrenta de dificuldade, principalmente no meu caso como mulher negra em tecnologia, é que é muito raro encontrar mais alguém como eu nas salas. Na minha sala da Fatec éramos 36 alunos, sendo 6 mulheres e, dessas, 3 desistiram. Curioso que a grande maioria dos educadores, professores eram mulheres, então a gente tinha essa representatividade.

Já no ambiente corporativo a grande dificuldade era eu ter que me impor, pois em muitas reuniões homens tentaram me silenciar e duvidar da minha



capacidade profissional. E eu derrubei essas barreiras do machismo me impondo.

P: O empreendedorismo digital aumentou e acelerou o processo de inclusão, principalmente, agora na pandemia. Como é o mercado de trabalho nacional para o empreendimento digital atualmente?

LA: A gente pode considerar que a pandemia acelerou a digitalização dos negócios em mais de 10 anos, tivemos que fazer tudo o que seria feito em 10 anos em um ano, os profissionais de T.I sofreram muita pressão e trabalharam muito, inclusive colegas meus até infartaram nesse período. Vimos pequenas lojas da periferia tentando digitalizar e percebendo depois que não é só colocar um site porque quando vamos digitalizar um negócio temos que entender um novo lugar, organizar a logística, divulgação e o resultado. Lucro não é imediato como imaginam, por exemplo, os nossos fornecedores são pagos em dólar e o dólar hoje está quase R\$ 6. Sem contar que não temos uma educação digital, mas a internet tem esse poder de mudar a estrutura e nos dar a oportunidade de atingir lugares ilimitados. Daqui da periferia essa lojinha pode chegar a nível nacional. Não foi comunicado a nós que esse espaço digital é aberto a todos, mas ele é...

P: O projeto Perifaplace foi uma das ações mais recentes do Webba voltado justamente para promover maior inclusão digital. De onde surgiu essa ideia? Quantas lojas e empre-

endimentos foi possível promover?

LA: A gente conversou com alguns empreendedores e tentamos entender como seria jogar essas pessoas no empreendimento digital. Por que quais são os negócios da periferia? São negócios voltados para a gastronomia. Enfrentamos dificuldade com a questão do negócio informal, precisa ter uma organização enquanto empresa, como a emissão de nota fiscal. A outra questão foi a reserva digital para empreender. Há o gasto com o frete e as compras com cartão de crédito só são pagas após 30 dias, mas esse empreendedor precisará do valor em 3 dias, por exemplo. Por isso que no Perifaplace estamos num projeto inicial de educação empreendedora com essas pessoas ainda.

P: Poderia deixar uma dica para mulheres e novos empreendedores?

LA: A primeira coisa que eu diria é você ter a consciência que o lucro não vem rápido, não vai ser fácil, mas é possível e necessário para criar empregos de qualidade. Em segundo é que se essa pessoa empreendedora tiver a oportunidade e condição de construir uma reserva financeira para o futuro que ela comece a guardar dinheiro, o quanto puder, mesmo que seja pouco. Outra coisa: Você quer

empreender? Então guarde dinheiro por um ano, seis meses...tenha uma reserva e, para o começo do empreendimento, inicie de forma simples a partir do que você tem e com a rede de contatos que você possui. As pessoas pegam uma nas mãos das outras, é preciso criar um ecossistema, uma rede de solidariedade colaborativa. Conversar com pessoas que empreendem também ajuda muito, pois juntos se fortalecem. Ah! E aproveitar as oportunidades de educação empreendedora e cursos gratuitos que encontramos.

P: Para finalizar, poderia compartilhar conosco algum projeto que esteja pensando em desenvolver?

LA: Temos vários projetos legais com logística para jovens empreendedores, alguns projetos com sustentabilidade apoiando novas empreendedoras e produtos só de mulheres, temos agora um Marketplace para isso. E fui convidada por um projeto na ONG NAIA (Núcleo Assistencial Irmão Alfredo) para dar aula de e-commerce para jovens de alta vulnerabilidade. Lá eu não vejo o passado desses jovens, não faço julgamentos, o que me importa é o que eles querem para o futuro, o que vão criar a partir do agora. Lá eu aprendo muito com eles e sinto muito orgulho.

Luciene
trabalhando
na ONG



Foto:
Acervo Pessoal

A FAMOSA COMIDA DE VÓ

Por Keyla Botelho e Carolina Feliciano

Muitas pessoas tiveram o privilégio de conhecer a famosa comida de vó, que é e carregada de memórias e sabores, é um prato ou uma refeição carregada de mãos passadas, algo de geração e geração, passado de mãe para mãe. Esse tipo de culinária é conhecido como algo afetivo, o famoso “comfort food”, aquela comida carregada de amor que sempre desperta sentimentos bons e um grande afeto, um enorme acolhimento, como se ao degustar a comida o abraçasse.

Com o grande acontecimento que ocorreu no ano de 2020, a pandemia, muitas vidas foram perdidas, de mães e vovós, o que trouxe muitas pessoas a reflexão, sobre a vida, a consistências das coisas e pessoas, dos sentimentos que temos por parentes e amigos, e muito a questão psicológica, antes dessa devastação causada pelo vírus Corona, o mundo era é um espaço corrido, ninguém tinha tempo para compartilhar com o seu próximo e nem para si mesmo, como todo mundo foi obrigatório realizar o distanciamento social, ninguém podia ter contato com seus parentes, o que fez todos ficarem reflexivos sobre a vida, entre muitos pensamentos trazidos para as redes sociais, um deles acabou sendo a “famosa comida de vó”, aquela que sempre tem o gostinho de amor, a comida que te abraça e trás um conforto ao ser comida.

Quase toda família tem uma tradição ou cria uma tradição, como no natal, algumas famílias fazem pratos carregados de memória, você já deve ter escutado alguém falando sobre certos pratos que não podem faltar em casa em dias que toda a família se reúne, aquele vinagrete que só a sua tia sabe fazer ou no aniversário aquele bolo que a vovó faz com todo amor para seus netos.

Comida afetiva nem sempre tem ingredientes de comida fina, às vezes pode ser doce demais ou até um pouco sem sal, mas do jeito que é realizada, traz um sabor diferente. Não é um tempero especial físico que tempera, e sim um “tempero sentimental”.



Bolo Peteléco



INGREDIENTES

- 3 xícaras de farinha de trigo
- 1 xícara de chocolate em pó
- 3 a 4 xícara de água quente
- ½ xícara de açúcar
- 1 pitada de bicarbonato de sódio
- 1 xícara de óleo
- 1 xícara de chá de fermento
- 3 ovos

MODO DE PREPARO

Misture todos os ingredientes secos exceto o fermento, em seguida abra um furo no meio da vasilha e despeje os 3 ovos, e mexa a massa delicadamente. Logo após adicione o óleo e água quente na massa, e mexa tudo até misturara tudo, é importante que você mexa a massa com cuidado, e por fim adicione o fermento.

Despeje a massa em uma forma untada e leve para cozinha em pré-aquecido em 180 graus e deixe assando de 25 a 30 minutos

RECHEIO DO BOLO

- 1 cx. De leite condensado
- 4 colheres de achocolatado em pó
- 1 colher de manteiga ou margarina
- Granulado

MODO DE PREPARO

Em uma panela funda adicione o leite condensado, as 4 colheres de achocolatado em pó e a manteiga, no fogo médio misture tudo

Na casa da Carol (nossa repórter) nas datas comemorativas mais esperadas do ano, sua família criou uma tradição com uma receita que não pode faltar. Inspirada no programa de culinária do Edu Guedes na tv nasce a receita de “Arroz Cremoso”. Diana, mãe da Carol, fez questão de modificar a receita e fazer do seu modo, que ficou conhecido como o famoso “Arroz cremoso da Carol”. É um prato carregado de amor e sabores e que não pode faltar na ceia de Natal.

A comida afetiva não está totalmente relacionada com o sabor, mas a lembrança que vem à memória. A comida tem esse poder de conectar pessoas que há mais de 10 anos não se veem ou até mesmo de uma pessoa que come uma feijoada no Japão e, por mais que não sejam os mesmos temperos, essa Feijoada trará a recordação de sua pátria. Essa comida carrega uma cultura, história e, principalmente, amor.

Na casa da Dona Alaide, por exemplo, não pode faltar o Bolo Peteleco nas tardes de domingo. “Esse bolo eu aprendi com uma amiga que se chamava Malda, ela fazia muito para os netos dela, e um dia enquanto ela preparava o bolo eu aprendi e comecei a fazer para as minhas netas que até hoje amam esse bolo.”

Mayara Botelho, neta de Dona Alaide, concorda: “Esse bolo me faz lembrar da minha infância porque a minha vó sempre fazia ele pelo menos 2 vezes no mês para mim e a minha melhor amiga. Ele me traz boas recordações, como no meu aniversário, quando a minha avó pensou que não iria ter nada, ela fez esse bolinho para mim, com uns brigadeiros enrolados no papel alumínio só para cantar parabéns, então esse bolo me faz lembrar esse amor da minha avó por mim.”

Arroz Cremoso

INGREDIENTES

- 3 xícaras de arroz lavado
- 5 xícaras de água fervente
- 4 dentes de alho amassado
- Meia cebola picada
- Azeite o suficiente
- Sal a gosto

Depois que o arroz estiver cozido, vem os preparos para o tornar cremoso

- Meia bisnaga de cream cheese
- 4 colheres de requeijão
- 2 caixinhas de creme de leite
- 500 gramas de presunto cortado
- 500 gramas de queijo cortado
- 500 de queijo parmesão triturado
- E o tempero mágico da Diana

Depois de tudo feito, mistura e coloca pra gratinar. E está pronto!



Muito além das vinícolas:

Conheça São Roque em um final de semana

Por Gabriela Nascimento

Fotos:
Gabriela Nascimento/Paulistana

O que acha de programar um final de semana com a família ou amigos em São Roque, que fica a 70 km de São Paulo? Conhecida pelas suas vinícolas de vinhos, a cidade tem muito mais a oferecer, conforme a Paulistana mostra nesse roteiro que fizemos para você.

COMO CHEGAR?

Vai vir de carro? O acesso pode ser feito pela rodovia Raposo Tavares, rodovia Castelo Branco e rodovia Lívio Tagliassachi.



TODO O AGITO DE UMA SEXTA-FEIRA A NOITE

A melhor pedida para Sexta-Feira à noite em São Roque são os restaurantes pubs! Para começar a viagem com alegria, o **Clube Together** é uma das opções. Aberto desde de 2015, fica em um porão de um casarão centenário no centro da cidade, serve lanches, petiscos, chopes gelados e bons drinks. Aliado aos comes e bebes, a casa oferece bandas, artistas em tributos e shows covers, com um repertório de rock, soul, blues e folk.

Endereço | Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 123
Telefone | (11) 4784-7823

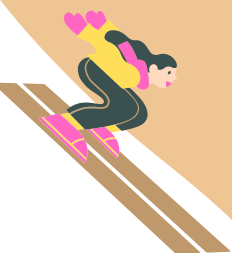
Ainda com música boa e alto astral, o **Quintal São Roque** é outro bar que faz parte da noite em São Roque. Em ambiente acolhedor, oferece drinks variados, cervejas, chopes gelados, porções, hambúrgueres e lanches para todos os gostos. Bandas e artistas ficam responsáveis pelo som ao vivo que passa pelo samba, MPB, pagode e rock

Endereço | Rua Vereador Rodolfo Artur Salvetti, 285
Telefone | (11) 99731-6004

SÁBADO DE DIVERSÃO

O Ski Mountain Park, uma das atrações mais famosas do destino, é indispensável para as famílias. Em uma montanha a 1.200 m de altitude, o parque proporciona uma das mais lindas vistas de São Roque. Com 320 mil m² de mata atlântica nativa, entre as atrações está arvorismo, pista de patinação ecológica, tobogãs gigantes, trilhas, torre de escalada, teleférico, passeios a cavalo e duas pistas artificiais de ski snowboard, uma de 100m, para iniciantes, e outras de 400m, para os familiarizados com esporte.

Endereço | Estrada da Serrinha, 1500 | Telefone | (11) 4712-335



DEGUSTAÇÃO DE VINHOS EM ADEGAS E VINÍCOLAS

Não deixe de aproveitar as inúmeras atrações da rota do vinho. Formado pela estrada do vinho, estrada dos Venâncios e rodovia Quintino de Lima, o roteiro conta com vinícolas, adegas, restaurantes, fazendas, pesqueiros e mais atrações. E dentre está infinidade de opções, a Vinícola Goés é uma das mais famosas!

Fundada em 1938 por imigrantes portugueses, destaca-se na produção regional de vinhos. Com sede instalada em São Roque, em torno de um casarão de estilo português os visitantes aproveitam de tours guiados, lojas de vinhos, boutique de vinhos finos com degustação orientada, restaurantes vale do vinho, e área verde à beira de um lago de carpas.

Endereço | Estrada do Vinho, Km 09 | Telefone | (11) 4711-3500

Dica da Paulistana! Entre janeiro e fevereiro é tempo de vindimia, a colheita das uvas. As vinícolas costumam organizar eventos. Os visitantes podem colher as frutas, conhecer o processo de fabricação, realizar a tradição pisa da uva e finalizar a experiência com almoço. Fique ligado pois os eventos são bem concorridos e geralmente esgotam rápido.

NOITE REPLETA DE SABORES EM SÃO ROQUE

Para o sábado à noite a culinária portuguesa é a pedida! Dividida em diversos ambientes charmosos, a **Quinta do Olivardo** agrada todo tipo de visitante, seja aqueles que estão com toda família, ou os que buscam momentos românticos. Os pratos tradicionais da casa são pratos da cozinha lusitana e seu cardápio oferece porções, caldos, peixes, carnes nobres e saladas, tudo acompanhado com vinhos regionais e internacionais.

Aos finais de semana, o espaço conta com fábrica de pastéis de nata (os famosos pastéis de Belém), café passado em coador de pano e lanchonete servindo delícias como o tradicional “prego pão” e bolinhos de bacalhau. Além de restaurante, possui uma variada programação de eventos, área kids e loja.

Endereço | Estrada do Vinho – Km 04
Telefone | (11) 4711-1100 ; (11) 4711 -1923





MANHÃ DE DOMINGO COM FAZENDA E ALMOÇO NA ESTRADA DO VINHO

A fazenda Angolana, com clima interiorano em 100 mil m², reúne cerca de 150 espécies de animais, como araras, cavalos, coelhos, pôneis, pavões, bodes e outros. Além de brincar e alimentar os bichinhos, os visitantes curtem passeio de pônei, lago com pedalinho, aldeia Tupi-Guarani, tirolesa, trilha ecológica, playground e mais. A experiência também engloba sabores típicos de fazenda oferecidos por uma cafeteria e dois restaurantes, sendo um deles com fogão a lenha.

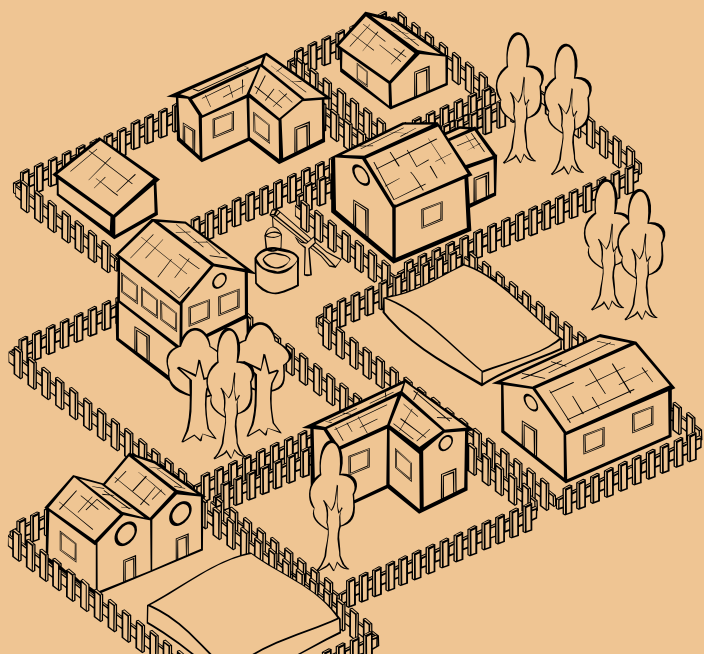
Endereço | Rodovia Prefeito Quintino de Lima Km 5

Telefone | (11) 4711-1100 ; (11) 4711-1640 ; (11) 4711-1179

Uma outra opção para encerrar a viagem com chave de ouro é um delicioso almoço na vila Don Patto, centro de gastronomia e de entretenimento que atrai centenas de visitantes. Fazendo parte do roteiro dos vinhos, sua grande área verde conta com diversas atrações. O complexo possui restaurantes portugueses e italiano, choperia, cervejaria, empório, café, sorveteria, artesanatos e uma adega com vinhos nacionais, importados e da marca Don Patto.

Endereço | Estrada do Vinho, Km 2.5

Telefone | (11) 4711-3001



ACABOU? NÃO, ESPERA... DÁ ESTICADA ATÉ O CATARINA OUTLET

Já na estrada que tal uma parada para compras? Com arquitetura que lembra os populares outlets Orlando, Estados Unidos, o **Catarina Outlet** situado na Castelo Branco, cerca de 18 km de São Roque, reúne 140 lojas de marcas nacionais e internacionais e conta também com 20 quiosques de alimentação.

Endereço | Rodovia Castello Branco – Km 60

Telefone | (11) 4130-4800





ONDE FICAR HOSPEDADO EM SÃO ROQUE

Hotel Villa Rossa

Aliados aos atrativos de São Roque, o hotel Villa Rossa destaca-se em infraestrutura e serviços. Digno de cinco estrelas, é um refúgio de 350 mil m² dentro da Mata Atlântica. O requinte é garantido por dois bares, adega climatizada com 80 rótulos e pensão completa inclusa na tarifa com refeições servidas no Restaurante La Piazza.

O lazer conta com piscinas climatizadas, quadras esportivas, tirolesa, pedalinho, caiaque, playground, shows e até mesmo Clube de Golfe, mediante custo extra. Para descansar, a hospedagem permanece surpreendendo com três opções de acomodação, entre elas o Loft, com 110 m², dois andares, piscina privativa, jardim interno, sala de estar, lareira e 2 TVs.

Endereço | Cora Coralina 350
Telefone (11) 4713-5500



Spazio di Garda

O lugar perfeito para quem quer ficar perto da natureza: no **Spazio di Garda** você vai encontrar três lagos, pista para caminhadas e trilhas pela mata preservada, além de um restaurante com deliciosos pratos portugueses e uma ótima carta de vinhos. O outro ponto positivo é que essa é uma das poucas pousadas com piscina aquecida em São Roque.

Endereço | Rodovia Engenheiro Renê Benedito da Silva - Km 55,7
Telefone: (11) 99903-0275



**"Ser Drag é resistência,
sim. É uma arte que
quebra padrões e veio
para resistir e existir. O
momento é de botar a
cara a tapa, de mostrar
a diversidade. Quanto
mais artista LGBTQ+
vier, mais a gente vai
unir forças e lutar."**

--Lia Clark



FIAMFAAM
Centro Universitário



1 986201 220227